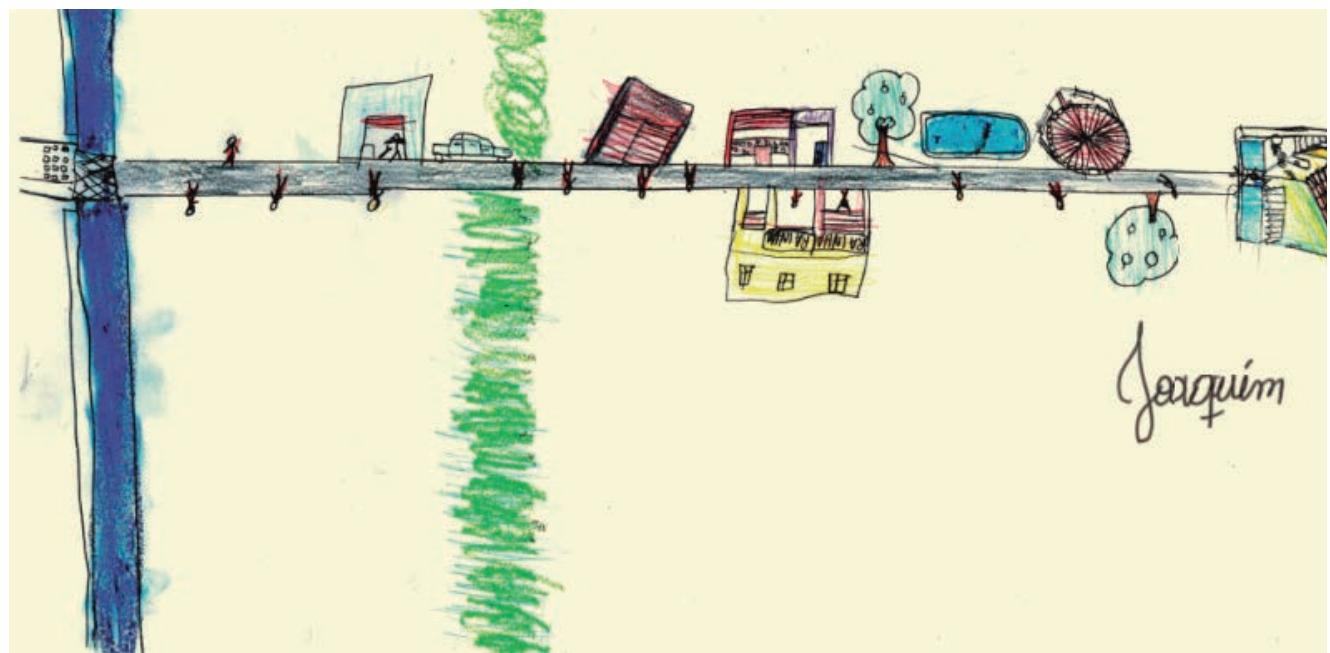


CRIANÇAS DO PASSADO CONVERSAM COM ADULTOS DO FUTURO

Diálogos pela Cidade





CRIANÇAS DO PASSADO CONVERSAM COM ADULTOS DO FUTURO

Diálogos pela Cidade

Projeto Editorial e Edição Final de Texto: Madza Ednir

Produção Editorial: Raquel Ribeiro

Rio de Janeiro, 2017



CECIP

Diretor Executivo: Claudio Ceccon

Diretora Administrativa: Dinah Frotté

Coordenadora de Projetos: Claudia Protasio Ceccon

Coordenador Financeiro: Elcimar Oliveira

Apoio: Marcelo Avance, Sirlene Alves e Laura Rodrigues

Projeto Criança Pequena em Foco

Equipe do Projeto: Mariana Koury, Raquel Ribeiro e Soraia Melo

II Seminário A Criança e sua Participação na Cidade

Coordenação: Moana Van de Beuque

Produção: Gianne Neves

Equipe: Joanna Muniz, Mariana Koury, Raquel Ribeiro

Diálogos pela cidade:

Crianças do passado conversam com adultos do futuro

Projeto Editorial e Edição Final de Texto: Madza Ednir

Produção Editorial: Raquel Ribeiro

Ilustração: Claudio Ceccon

Design Gráfico: Shirley Martins

Revisão: Sonia Cardoso

Fotos: Amanda Santos, Elisa Brazil, Gabriel Savary, Ignacio Diego,

Irene Quintáns, Larissa Berwig, Luiz Carlos Lima, Rosa Maria Mattos

Crianças fotógrafas: Amanda Dias, Amanda Lucena, Ana Beatriz

Campos, Isabelli Lisboa

Realizaçâo:

Apoio:



Instituto C&A

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO: Um Seminário em que a criança ocupou seu lugar	9
ERA UMA VEZ... Duas crianças do passado falam sobre o presente da democracia e da participação infantil	15
1. CIDADE BOA PRA CRIANÇA É BOA PRA TODO MUNDO.....	19
1.1 Refazendo o caminho, com as crianças	20
A criança sabe onde estão os riscos - CET-RIO	20
A criança valoriza momentos de beleza e encontros no caminho - CECIP.....	22
A criança deveria sentir que toda a cidade é sua casa – Red Ocara	26
1.2 Políticas públicas feitas com crianças	31
Mesmo bem pequenas, crianças podem participar – CIESPI Rio.....	31
Crianças: protagonistas da cidade – SME/Santo André.....	33
2. ADULTOS QUE CONFIAM EM CRIANÇAS	35
3. DE CRIANÇA PARA CRIANÇA: EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO	37
3.1 Experiências de participação na cidade lideradas por crianças, com apoio de adultos mediadores	38
Crianças que mobilizam	38
Crianças que preservam histórias e comunicam	42
Crianças que defendem o ambiente	46
Crianças que veem, fazem, criam	50
3.2 Participação infantil: trabalho ou brincadeira?	52

4. EXPERIMENTANDO FORMAS DE ESCUTAR AS CRIANÇAS.....	55
4.1 Uma cidade de paz	56
4.2 Uma cidade para brincar.....	60
4.3 Uma cidade onde a praça é da gente	64
4.4 Uma cidade onde podemos escolher como nos movimentar	66
4.5 Uma cidade onde podemos circular com prazer.....	68
4.6 Uma cidade onde podemos intervir	70
5. DA CRIANÇA PARA A CIDADE: Propostas	73
CONCLUSÃO: Aprendizados	79
ANEXO: Programa do Seminário	81

APRESENTAÇÃO

Uma cidade pacífica e sustentável é uma cidade que escuta as crianças e se adapta às suas necessidades de brincar e de se desenvolver integralmente, com segurança, em espaços onde elas sejam, de fato, a prioridade.

A partir do final do século passado, cada vez mais adultos se conscientizam de que respeitar a criança é honrar o melhor de si mesmos – é conectar-se à sua própria infância, que continua presente na memória, como fonte de inspiração e criatividade e, mais do que isso, levar em consideração as crianças do presente que não precisam mais esperar um futuro para se tornarem cidadãs.

Avanços no sentido de assegurar o direito de participação da criança vão se sucedendo. No Rio de Janeiro, por exemplo, graças à iniciativa de um grupo de organizações integrantes da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), vozes das crianças e 3 a 9 anos foram incluídas na elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância do Rio de Janeiro, aprovado a 11 de novembro de 2013.

A presente publicação registra mais um exemplo de que as crianças começam a ser vistas com outros olhos e escutadas com outros ouvidos, e oferece um retrato do que foi o II Seminário **A Criança e sua Participação**



na Cidade, realizado pelo Projeto **Criança Pequena em Foco** do Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP).

Realizado nos dias 11 e 12 de setembro de 2015, na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, o evento reuniu cerca de 300 pessoas, entre adultos e crianças.

Estavam presentes parceiros como Leonardo Yanez, da Fundação Bernard van Leer e representantes de organizações da sociedade civil de diferentes partes do Brasil. Dentre outras, o Centro de Estudos e Pesquisas da Infância (CIESPI/PUC-Rio), a Rede Ocará (SP), vencedores do Prêmio Nacional de Participação Infantil, como a Fundação Casa Grande (CE) e a Fundação Xuxa Meneghel (RJ) e representantes da Infant, organização peruana.

Mas as grandes estrelas foram cidadãs e cidadãos entre 6 e 13 anos, que, em vários momentos, assumiram a liderança das atividades, relatando o que fazem para transformar suas comunidades e conduzindo oficinas com grupos de pessoas de diferentes faixas etárias. As crianças produziram, junto com os adultos, encaminhamentos concretos de ação para tornar nossas cidades mais amigáveis para as crianças e, portanto, mais pacíficas, harmoniosas, beneficiando todos os outros cidadãos.

Como diz Leonardo Yanez: *“Crianças são poderosos aliados, quando preparadas e incluídas na busca de soluções.”*

“Os Estados garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade.”

Convenção dos Direitos das Crianças da ONU, Artigo 1 (1989)

“A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. (...) O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: (...) II – opinião e expressão; V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação.”

Estatuto da Criança e do Adolescente, Artigos 15 e 16 (Brasil, 1990)

“Deve estar assegurado o processo de participação de crianças e adolescentes nos espaços de discussão relacionados aos direitos de crianças e adolescentes.”

Resolução 159 do CONANDA (Brasil, 2013)



INTRODUÇÃO

Um Seminário em que a criança ocupou seu lugar

FOTO: GABRIEL SAVARY



Você está prestes a testemunhar um debate essencial para que a democracia plena e a não violência em nosso país deixem de ser ideais e se transformem em realidade – o debate sobre até que ponto os adultos estão preparados e dispostos a incluir as crianças nas ações e decisões que lhes dizem respeito, nos ambientes em que vivem.

Registrados nesta publicação propostas e questionamentos que emergiram de um seminário diferente, em que adultos e crianças puderam se expressar e dialogar em igualdade de condições, sobre o tipo de

cidade em que gostariam de viver. Se tiver interesse em saber como organizamos este seminário, vale a pena ler os parágrafos a seguir. Você descobrirá que, por trás do sucesso dos dois dias de apresentações e debates, está uma organização que trabalha em parceria e, desde sua origem, respeita a inteligência e a criatividade das crianças; um projeto cujo ideal é incluir suas vozes na elaboração de políticas públicas; uma equipe disposta a desenhar um evento coerente com os princípios de diálogo e participação que defende.

*Registrados
nesta publicação
propostas e
questionamentos
que emergiram
de um seminário
diferente, em
que adultos
e crianças
puderam se
expressar e
dialogar em
igualdade de
condições,
sobre o tipo de
cidade em que
gostariam de
viver.*

O CECIP e as crianças



FOTO: GABRIEL SAVARY

*A Fundação Bernard van Leer tem por missão fomentar ações que beneficiem crianças de até 8 anos de idade, especialmente as que estão crescendo em circunstâncias sociais e econômicas difíceis, através de programas de apoio implementados por parceiros locais em diversos países.

**Em 2015, o Instituto C&A se dedicava a promover e qualificar o processo de educação de crianças e adolescentes no Brasil, por meio do desenvolvimento de parcerias com outras organizações sociais e com o Poder Público. Atualmente, a entidade atua na indústria da moda.

em suas demandas. Uma sementinha tinha sido plantada. Muitos anos depois, um projeto de saúde na creche abriu um espaço no CECIP para o que é hoje o Núcleo de Educação Infantil, formado por profissionais especializados nesta área. Nesse núcleo são desenvolvidos projetos que defendem os direitos das crianças, empoderando-as e respeitando sua autonomia. São projetos de participação infantil, de formação de educadores de creche, de criação de espaços de lazer e cultura e muitos outros que ainda virão.

O seminário **A Criança e sua Participação na Cidade** foi organizado pelo CECIP, com apoio da Fundação Bernard van Leer * e do Instituto C&A.**

Desde 1986, o CECIP vem contribuindo na construção de uma sociedade mais democrática. Quando a TV Maxambomba – seu primeiro projeto – fazia exibições de rua, as crianças participavam ativamente de cada apresentação nas praças da “TV do Povo de Nova Iguaçu”. Chegavam primeiro, avisavam os adultos em casa, chamavam todos para ver. Ficavam próximas da Kombi em que estava instalado o telão, sempre curiosas em conhecer a equipe e entender as complicadas ligações que eram feitas nos equipamentos. Essa presença levou a equipe da TV Maxambomba a fazer programas pensando nelas e

Criança Pequena em Foco

A partir de 2011, por meio do projeto **Criança Pequena em Foco**, o **CECIP** quer contribuir para a redução da violência contra as crianças, com a introdução e a promoção da participação infantil nas políticas públicas. Por quê? Porque, como Paulo Freire, o CECIP acredita que o diálogo horizontal entre diferentes está na base de todas as transformações. Crianças que participam e que são escutadas são crianças que podem ajudar a mudar seu entorno. Incluir a participação das crianças, desde pequenas, na família, na creche, na escola, no bairro e na cidade é percebê-las como pessoas competentes, curiosas, ativas e criativas, capazes de agir no momento presente de suas vidas. Ouvi-las não apenas enriquece projetos estratégicos em qualquer

nível, tornando-os mais aderentes à realidade, como constitui, para as crianças, um importante momento no processo de construção de seu papel como cidadãs. Escutar as crianças abre a possibilidade de dar novos significados a atividades, espaços e programas, a partir das necessidades e interesses surgidos dessa escuta.

Promover atividades de participação infantil pressupõe garantir espaços físicos, emocionais e metodológicos, em que elas possam se sentir acolhidas, respeitadas e ouvidas – inclusive em seu desejo de não participar. A construção de processos participativos requer metodologias que possibilitem a expressão da criança de forma genuína e integral, respeitando sua faixa etária, cultura e contexto social, sem sobrecarregá-la. Metodologias que valorizem o brincar como proposta pedagógica e como momento de lazer espontâneo.

Nesta abordagem, o adulto assume o papel de mediador não apenas da atividade, mas das falas e desejos expressos pelas crianças. É ele que, se necessário, negocia a concretização das suas ideias e propostas.

Ao adotar métodos e estratégias com as características acima, o Projeto **Criança Pequena em Foco** e demais projetos do Núcleo de Infância do CECIP articulam-se com o Poder Público, trabalhando com a Rede Nacional Primeira Infância, os Conselhos de Direitos das



FOTO: GABRIEL SAVARY

Crianças e Adolescentes, além de Secretaria dos Direitos Humanos e Prefeituras. Foi assim que, em 2015, conquistou-se, na Conferência Municipal dos Direitos das Crianças Adolescentes (RJ), a escuta de crianças e a incorporação de suas propostas ao documento final, a apresentação das propostas de crianças na Conferência Estadual do Rio de Janeiro (2016) e a realização da escuta dos pequenos na Conferência Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes (2016), quando as crianças entregaram à então presidente Dilma Rousseff uma carta com suas propostas. Além disso, desenvolvemos ações-modelo em creches, escolas e comunidades.

Para promover a ideia ainda considerada inovadora de que criança precisa ser escutada, organizamos a cada dois anos, com o apoio do Instituto C&A e a Fundação Bernard van Leer,

Promover atividades de participação infantil pressupõe garantir espaços físicos, emocionais e metodológicos, em que as crianças possam se sentir acolhidas, respeitadas e ouvidas

o Prêmio Nacional de Projetos de Participação Infantil* além de oficinas e seminários de disseminação. Também realizamos publicações, como esta que você está lendo.

Com todo este conjunto de iniciativas, o Projeto **Criança Pequena em Foco** fortalece pessoas (crianças e adultos), movimentos e organizações que realizam, em sua prática, o que está previsto na Convenção dos Direitos das Crianças da ONU (1989), no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e na Resolução 159 do CONANDA (Brasil, 2013).

Um seminário Amigo da Criança

Nós, equipe “Criança Pequena em Foco”, quisemos organizar um seminário no qual pudéssemos, como se diz em inglês, *walk the talk* (fazer o que pregamos) – ou seja, colocar em prática o que dizemos e acreditamos sobre a importância da participação infantil:

- Acreditamos em uma educação democrática, transformadora, freiriana, em que as crianças são sujeitos, têm opiniões relevantes sobre sua própria vida, podem participar da tomada de decisão e em ações sobre assuntos que lhes interessam.
- Acreditamos que o adulto tem um papel fundamental ao garantir a participação infantil. Ele é um mediador, ele faz a ponte,

ele permite a escuta, recorrendo às atividades lúdicas em que elas melhor consigam se expressar. É ele que assegura também o direito à não participação. A criança tem direito de dizer “não quero participar” – e ser respeitada.

- Acreditamos que, embora as primeiras práticas de participação infantil nas decisões remontem ao século 19 (lembremos da escola democrática criada em 1852 pelo escritor russo Liev Tolstoi), tais práticas continuam limitadas, no Brasil e na maioria dos países do mundo, e uma das causas disso é o desconhecimento e a pouca disponibilidade de metodologias adequadas de escuta e inclusão de crianças em atividades transformadoras.
- Acreditamos que a ludicidade, além de ser a forma com que as crianças exploram o mundo e aprendem a viver e a conviver, é também essencial aos seres humanos de qualquer idade, assegurando-lhes resiliência e criatividade.

No primeiro dia do Seminário reservamos a parte da manhã para um momento em que adultos envolvidos com projetos de participação infantil contassem suas experiências nesse campo. Na parte da tarde, ocorreu uma troca entre adultos e crianças e oficinas lideradas por crianças, destinadas a outras crianças e adultos. O segundo dia foi dedicado a oficinas para crianças (onde adultos podiam

*Prêmio instituído em 2014, com o objetivo de fortalecer e disseminar práticas de participação infantil em todo o território nacional. É atribuído bianualmente a práticas metodologicamente sérias, inovadoras, eficazes, criativas e com impacto relevante.

estar presentes) com especialistas em escuta e participação infantil, das quais emergiram propostas das crianças para uma cidade mais humana. A culminância do evento foi uma plenária na qual estas propostas foram apresentadas e votadas, com o nosso compromisso de encaminhar algumas ao Poder Público e realizar outras do tipo “Mão na massa”.

Uma estratégia que se revelou muito eficaz foi fazer com que os adultos presentes se

conectassem com a criança que haviam sido um dia e, muito especialmente com suas experiências de autonomia e participação nesta etapa da vida. O diálogo entre adultos e crianças é muito facilitado quando o pai, mãe, o profissional, o estudioso ou ativista consegue dialogar com a criança que vive dentro dele ou dela e reconhecer o quanto, nesta etapa da vida, foram competentes, criativos e cheios de iniciativa.

Como o Seminário expressou os princípios, valores e crenças do Criança Pequena em Foco?

- Presença de crianças que pudessem contar algo de suas realizações na comunidade, enquanto cidadãos ativos, transformadores, e liderar oficinas intergeracionais.
- Presença de adultos que pudessem compartilhar e demonstrar seu papel enquanto mediadores da participação infantil, convidando não apenas lideranças agraciadas com o Prêmio de Participação Infantil, mas também representantes de organizações governamentais, da sociedade civil e do Poder Público empenhados em
- facilitar a escuta qualificada e a participação das crianças.
- Realização de oficinas em que metodologias de escuta de crianças pudessem ser experimentadas igualmente por crianças e adultos, demonstradas por especialistas de instituições parceiras, com trabalhos reconhecidos nesta área.
- Inclusão, nas diferentes etapas do Seminário, de momentos de descontração, riso e movimento. Essa integração da ludicidade foi possibilitada por engraçadíssimos palhaços, que apresentaram as atividades.



FOTO: GABRIEL SAVARY



Esta conexão foi possibilitada por um convite, logo na abertura do Seminário, para que todos escrevessem em *post its* a lembrança de uma situação marcante da sua infância, que de alguma forma pudesse ter influenciado o exercício de sua cidadania hoje, e, na medida do possível, a mencionassem nas apresentações e debates.

Ao ler as transcrições das falas do Seminário em que se baseou esta publicação, percebemos que algo muito especial havia acontecido: surgira um verdadeiro diálogo entre pessoas de diferentes idades.

Confira, nas páginas seguintes, como, em qualquer idade, as pessoas diferentes podem se unir na mesma caminhada de formação e de transformação da cidade e do mundo.

ERA UMA VEZ...

Duas crianças do passado falam sobre o presente da democracia e da participação infantil



Na abertura do Seminário, líderes de duas das organizações responsáveis mostraram

como experiências de infância moldaram suas vidas.



FOTO: CECIP

O mar do Leme e (A) mar Democracia

Claudius Ceccon, Diretor Executivo do CECIP, e Presidente da Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância, Brasil

Aos 4 anos de idade, minha família se mudou do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro e eu conheci a praia do Leme. Foi uma experiência incrível, indescritível, tão indescritível que eu entrei no mar de roupa e tudo e minha mãe teve que ir correndo lá me buscar. A experiência que eu tive, e isso me fez pensar, é que o mar e a praia são de todos. Não há discriminação na praia; é o lugar comum onde todos se igualam.

Passaram-se muitos anos. Em meados da década de 1980, os 21 anos de ditadura no Brasil estavam chegando ao fim e eu era professor em uma Faculdade de Educação Artística. Em uma das aulas, surgiu a proposta de se criar um roteiro de vídeo com o tema A esperança de uma nação. Perguntei quem tinha ideias sobre este tema, para trabalharmos juntos.

A resposta foi nenhuma. Não aceitei essa resposta. Coloquei toda a turma para conversar e a história que esses jovens me contaram é que eles tinham crescido sem ter tido a possibilidade de discutir, de dialogar, de criticar. Eles se sentiam completamente afastados da realidade. Pouco depois, acabou oficialmente a ditadura, e, junto com amigos, começamos a discutir o que deveríamos fazer, o que poderíamos fazer para que essa democracia que nós tanto queríamos se restaurasse. Era um grupo de gente legal, que se gostava muito – Paulo Freire, Eduardo Coutinho, Ana Maria Machado, Ennio Candotti, e tantos outros – e juntos resolvemos fundar o que é hoje o CECIP. E o CECIP quer, hoje, como eu queria aos 4 anos de idade, que o mar da democracia seja para todos.

Era um grupo de gente legal, que se gostava muito – Paulo Freire, Eduardo Coutinho, Ana Maria Machado, Ennio Candotti, e tantos outros – e juntos resolvemos fundar o que é hoje o CECIP.

Crianças precisam ser ouvidas

Leonardo Yanez, Representante Senior da América Latina da Fundação Bernard van Leer, Holanda



FOTO: SITE FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER

Minha experiência pessoal com a participação infantil começou muito cedo. Venho de uma dessas famílias venezuelanas que, em sua maioria, tem uma mulher à frente, trabalhando desde cedinho até muito tarde da noite. Quando comecei a ir à escola, com 7 anos, gostava da ideia de repetir, com meus irmãozinhos, o que via na classe; então atuava como professor deles. Com isso pude ver que as crianças aprendem sozinhas, são elas que produzem conhecimento. Meus irmãos se tornaram engenheiros, médicos e até hoje acreditam que fui eu quem os ensinou a ler, o que é muito bom para mim... Essa foi a primeira vez que senti que eu estava contribuindo para a família, que eu também podia ser útil. Na época, não tínhamos água corrente. Eu me levantava bem cedo para buscar água que desse para todo o dia. E fazer isso não era uma

escravidão, não era um trabalho que me causasse nenhum problema. Pelo contrário, me dava a sensação de que estava sendo muito importante para a família – e ainda penso assim... Outra coisa: comecei a trabalhar com 12 anos, vendendo livros de porta em porta por toda Caracas. Hoje, conheço Caracas mais do que muitos taxistas, porque percorri todas as suas ruas para vender livros.

Mais tarde, muito mais tarde, trabalhando com a Fundação Van Leer, conheci organizações de crianças que faziam manifestações nas ruas pedindo direitos. Mas a primeira vez que vi crianças descobrindo soluções para sua comunidade foi no Peru, onde conheci Esther e os meninos Camila e Franz. Agradeço à organização do Seminário por tê-los convidado, porque eles têm sido uma grande inspiração.

Por isso, acreditamos que é necessário escutar as crianças. Não só porque são bonitas, carinhosas e porque saem bem nas fotografias. Mas porque elas são agentes de mudança.



Nós tínhamos como foco apoiar a criação de grupos de crianças que buscassem seus direitos, em especial em comunidades ribeirinhas com alta mortalidade infantil, em especial por afogamento. Na região onde moravam Franz e Camila, as crianças eram muito ativas. Saíam, faziam manifestações, procuravam direitos, buscavam assinaturas, mas o prefeito da cidade não se importava.

Conversamos com as crianças e lançamos um desafio: como o problema poderia ser solucionado?

Franz e Camila eram crianças pequenas ainda, mas aceitaram o desafio. Elas foram parte da solução. Em um só ano, reduziram a zero a mortalidade de crianças por afogamento, cujo índice era de oito a onze mortes a cada ano.

Tiveram uma ideia muito simples: colocar bandeiras nas casas com crianças pequenas e criar uma rede de cuidado para elas. Depois da escola, as crianças e adolescentes se comprometeriam a ficar nas casas marcadas com bandeiras, brincando com as crianças menores e as protegendo. Essa ideia me convenceu. Passei a história deles para a Fundação, que apoiou a proposta. Hoje, a Índia copiou a ideia de Franz e Camila e agora estão com meta de ter um milhão de crianças organizadas para mudar suas vidas e a vida das outras crianças em favelas do país.

Por isso, acreditamos que é necessário escutar as crianças. Não só porque são bonitas, carinhosas e porque saem bem nas fotografias. Mas porque elas são agentes de mudança.

As crianças são poderosas aliadas, quando preparadas, formadas e incluídas na busca de soluções.

Cidade boa pra criança é boa pra todo mundo

1



FOTO: GABRIEL SAVARY

O que aconteceria se nossas cidades passassem a existir em função das crianças, preservando sua saúde, segurança física e felicidade?

Os palestrantes mostraram que escutar os pequenos cidadãos tornaria a cidade uma casa onde pessoas de todas as idades poderiam habitar em harmonia.

1.1 Refazendo o caminho, com as crianças

A criança sabe onde estão os riscos

Mauro Ferreira – Diretor do Centro de Educação para o Trânsito e Relacionamento com o Cidadão da CET-Rio

Quando eu era criança... Tinha tempo ocioso para pensar, para refletir e para agir. Lá no Engenho de Dentro, no conjunto residencial onde eu morava, eu não tinha o tempo tomado com atividades dirigidas; era bom ter o meu tempo só para mim, para fazer o que eu quisesse, até não fazer nada, ficar vendo televisão. Mas a gente fazia muita coisa, justamente porque não havia essa obrigatoriedade de jogar futebol na escolinha de futebol, fazer inglês, fazer judô, fazer não-sei-o-quê em horas determinadas... No conjunto habitacional onde a gente morava, o “pátio” era um estacionamento. Era proibido jogar bola ou andar de bicicleta porque poderia danificar os carros. Só que alguém descobriu que, na convenção do condomínio, o pátio constava como área de lazer. Então a gente fez uma mobilização e conseguimos garantir o direito de brincar em nossa área. Eu e meu irmão, que morávamos no bloco 6 e um vizinho de porta éramos os mais atuantes. Os moradores mais idosos, incomodados com a nossa agitação,

Os técnicos sempre ficam surpresos com os pontos vermelhos que as crianças identificam: batem certinho com as “manchas” das estatísticas de acidentes. Elas identificam exatamente onde ocorrem os acidentes e o tipo de acidente – colisões, atropelamentos...



FOTO: GABRIEL SAVARY

nos chamavam de “os demônios do bloco 6”... E fizemos muita coisa: de show de mágica a jornal do prédio...

Hoje eu... Trabalho no Centro de Educação para o Trânsito, da Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro. No Projeto Aura, a gente identificava estatisticamente os pontos da cidade que eram os mais perigosos para que os técnicos estudassem a melhor solução para reverter a situação de perigo. E a gente ia para a rua fazer a parte educativa, tentar explicar por que aquele semáforo ou aquela travessia estavam sendo colocados ali. Quando chegávamos na rua, panfletando, orientando as pessoas, sempre tinha uma

sugestão, uma alteração, uma opinião do público: “poxa, isso aqui está legal, mas se essa travessia fosse um pouco mais próxima da escola...” Vimos que o técnico tem uma visão, mas ela deve ser complementada pela visão de quem está vivenciando a situação de risco.

No projeto Caminho da Escola, vamos às escolas e levamos um teatrinho, ensinando as regras de segurança para as crianças. E introduzimos nesse projeto o cenário de risco, o mapa de risco. O que seria isso? As professoras trabalham com as crianças, durante uma semana, a observação do caminho de casa para a escola e da escola para casa, para ver o que há de perigo, de risco, e quais as propostas que eles identificam como solução para os problemas. Então a gente pega esse mapa de risco feito colaborativamente e leva para os técnicos, para os engenheiros da região.

Os técnicos sempre ficam surpresos com os pontos vermelhos que as crianças identificam: batem certinho com as “manchas” das estatísticas de acidentes. Elas identificam exatamente onde ocorrem os acidentes e o tipo de acidente – colisões, atropelamentos... E as propostas das crianças para reverter o perigo, levamos para os engenheiros. Nem sempre a gente consegue adaptar... Mas na maioria das vezes fica uma coisa bem próxima. E é diferente, porque quando colocamos um semáforo ou uma travessia de pedestre com a participação das pessoas, elas se sentem donas daquilo, até no sentido de preservar e respeitar aquela sinalização.

Então, este projeto tem sido muito gratificante: é bom chegar e ver as crianças reconhecendo que aquela intervenção ali foi feita a partir de um desenho delas, a partir de um mapa de risco que elas elaboraram.

A criança valoriza momentos de beleza e encontros no caminho

Moana van de Beuque, antropóloga, Projeto Criança Pequena em Foco – CECIP/RJ

FOTO: LUCAS MENDES



Acho que nosso desafio é planejar espaços públicos seguros e onde as crianças gostem de estar, ampliando os “momentos de respiro”, de encontro e beleza, que mesmo em situações que nem sempre são as melhores, chamam a atenção das crianças e as inspiram.

de lixo, que uma professora puxou. Eu e uns amigos nos envolvemos nisso e tivemos muita autonomia. A gente fez os cartazes, passou nas salas... Então essas lembranças falam das possibilidades que se abrem quando a gente é criança e alguém realmente acredita na gente, dá o suporte mas confia na capacidade da criança.

Fui coordenadora do projeto Criança Pequena em Foco de 2012 até 2016, e estávamos desenvolvendo em Manguinhos (RJ) uma ação modelo enfocando o Caminho Casa Escola. A ideia era construir, junto com os moradores, com as crianças, com o Poder Público, uma política pública que diminuísse a violência contra as crianças, principalmente a violência que elas sofrem na circulação pelo território. Trabalhamos com incríveis parceiros, como a Companhia de Engenharia de Tráfego, e a ação tem várias etapas. Ao final, a gente espera ter um espaço público onde as crianças possam circular com mais segurança.

Meu sonho é que um dia não aconteçam mais mortes como a do menino Cristian (veja box). Perdas assim geram um sentimento muito difícil. É algo que nos mobiliza muito, mas não paralisa.

Estamos criando metodologias, que incluem fazer uma pesquisa junto às crianças e outras pessoas sobre o que veem no caminho Casa-Escola. Registrarmos falas das crianças,



como: "Os carros andam para lá e para cá, nem todos os carros respeitam o sinal em frente à escola"; "Os outros destruíram minha casa para construir prédios" (*está falando dos conjuntos habitacionais*); "Tem muita moto, os carros param onde não podem"; "Aqui é muito bagunçado, tem muito lixo, aqui é muito sujo, só a biblioteca é legal" (*porque tem uma Biblioteca Parque lá em Manguinhos*).

Também fizemos uma atividade muito bacana com as crianças: demos máquinas descartáveis para que elas mesmas fotografassem o seu caminho de casa para a escola. Depois, elas nos falavam sobre as imagens.

Acho que nosso desafio é planejar espaços públicos seguros e onde as crianças gostem de estar, ampliando os "momentos de respiro", de encontro e beleza, que mesmo em situações que nem sempre são as melhores, chamam a atenção das crianças e as inspiram.

Quando brincar se torna um risco

Manguinhos, Zona Norte do Rio, manhã do dia 8 de setembro de 2015 – três dias antes do início do seminário A Criança e sua Participação na Cidade. No mesmo tempo e no mesmo espaço – a Avenida Leopoldo Bulhões, uma das principais vias da região – duas realidades se chocam: a de um menino que só quer jogar bola na rua e a de adultos empenhados em uma guerra sem fim. Cristian Andrade, o adolescente que exercia seu direito de brincar na cidade, é colhido na troca de tiros entre policiais e possíveis traficantes. Seus sonhos e projetos de futuro se esvaem na calçada.



Foto da rua Leopoldo Bulhões

Essa foto foi feita na escola. Uma criança pediu: "Tia, você me segura para eu tirar uma foto aqui da janela?". Eu a ergui e ela tirou essa foto da rua Leopoldo Bulhões, uma rua com bastante trânsito, bastante movimento. Está em uma favela, os carros passam rápido e aí acaba tendo maior índice de acidentes...



FOTO: AMANDA LUCENA

Foto da gaiola

Esta foto eu acho que foi a Isabelle que tirou, quando pedimos que mostrassem "o que você não gosta no Caminho Casa Escola?". Ela falou: "ah, tem uma gaiola no meio da calçada que atrapalha eu andar". É esta espécie de cercado que ainda não descobrimos o que está fazendo ali.



FOTO: ISABELY LISBOA

Foto dos coleguinhas

Quando perguntamos "o que você gosta no caminho casa-escola?", apareceu esta imagem. "Ah, o que é isso?". "São os meus coleguinhas do coração"...

Foto da Folha

Dentre as coisas que as crianças gostam no caminho casa-escola apareceu esta imagem. Achei muito legal e perguntei: "o que é isso?". "A folha", disse a criança. "Mas por que você gosta disso?". "Ah, eu acho bonito", ela falou.



FOTO: AMANDA DIAS

Foto da criança fazendo a foto

Esta imagem mostra uma das crianças, com a câmera, fazendo as fotos.



FOTO: AMANDA LUCENA

A criança deveria sentir que toda a cidade é sua casa

Irene Quintáns, arquiteta, criadora do website OCARA

Um jeito de as crianças se apropriarem do espaço urbano é por meio do brincar – inclusive no caminho para a escola.

Quando eu era criança... Fui educada de um jeito muito livre. Sim, eu tinha muitas atividades: de música, arte... Mas era eu quem escolhia o que ia fazer. Tenho a lembrança de ter sido uma criança livre para fazer o que quisesse.

Hoje eu... Sou arquiteta e trabalho, sobretudo, com mobilidade urbana e com a cidade. Não sou muito amiga dos carros, e o principal objetivo dos projetos de caminho escolar nos quais venho atuando é incentivar as crianças a irem a pé ou de bicicleta para a escola, com todas as questões que isto implica. Pertenço a IPA Brasil, uma associação brasileira pelo direito ao brincar e à cultura, que trabalha muito com o tema do brincar. Um jeito de as

FOTO: IRENE QUINTÁNS



FOTO: REPRODUÇÃO DA INTERNET

crianças se apropriarem do espaço urbano é por meio do brincar – inclusive no caminho para a escola. Também sou a criadora do site Red Ocara, um lugar de encontro virtual para compartilhar experiências sobre esses temas na América Latina e no mundo.

Queria mostrar alguns trabalhos a vocês, focados em duas palavras, Passos e Espaços. Afinal, é caminhando que podemos conhecer e transformar os espaços da cidade.

Periferia de Bogotá

Esta imagem é de um projeto maravilhoso, elaborado em 2011, na periferia de Bogotá, em áreas onde moram guerrilheiros. Um lugar difícil. Para fazer o trajeto de casa à escola, organizaram-se grupos com adultos que acompanhavam as crianças até a escola para que fosse tudo mais seguro e confortável.

Paraisópolis

Quando cheguei ao Brasil, comecei a trabalhar na favela de Paraisópolis, a segunda maior favela de São Paulo, com um projeto chamado Caminho Escolar. Começamos com uma pesquisa para saber como as crianças vão e voltam da escola: sozinhas? Acompanhadas? Usam transporte escolar?

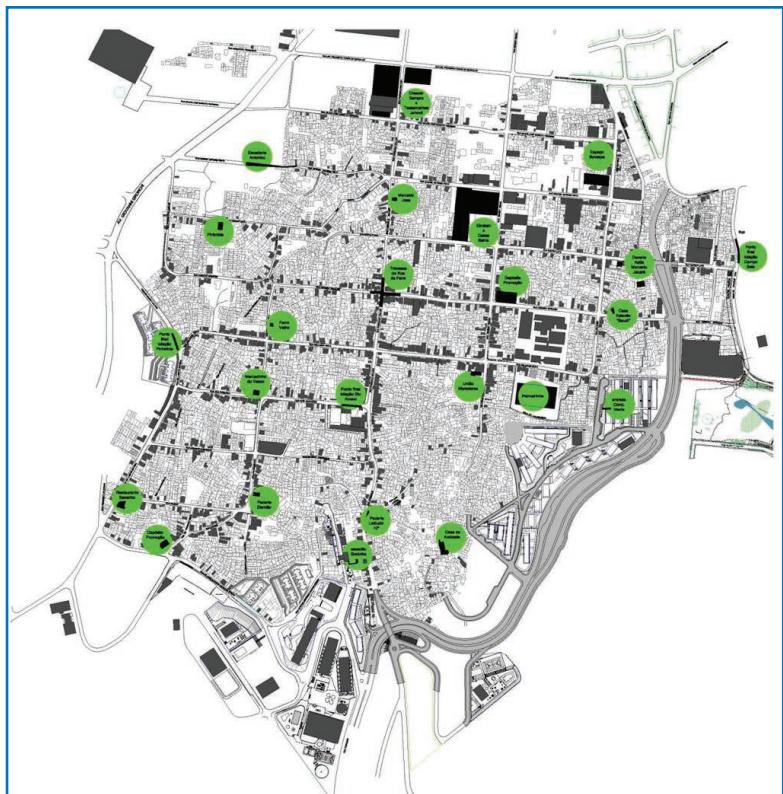
Imagen de resposta às perguntas de pesquisa: P: "Quem acompanha você na ida para a escola?" R: "Vou sozinha". P: "Quem mais acompanha?" R: "Deus me acompanha".

A pesquisa é um jeito indireto de escutar a criança, de escutar uma grande quantidade de crianças. Foram 1.500 crianças entrevistadas nesta escola de Paraisópolis.

Precisávamos saber quais eram os caminhos que as crianças faziam e, como a gente não podia dar um GPS para cada uma, fizemos um mapa com 25 pontos de referência que todo mundo conhecia. Então pedimos que as crianças marcassem o lugar que ficava perto da casa delas. Era uma espécie de GPS caipira... que deu muito certo, e conseguimos identificar os dez pontos onde havia mais crianças morando. Em verde, destacamos o caminho que as crianças fazem de casa para a escola. Então a gente fez o mapa, metade com a participação das crianças, metade indo a campo ver como era.



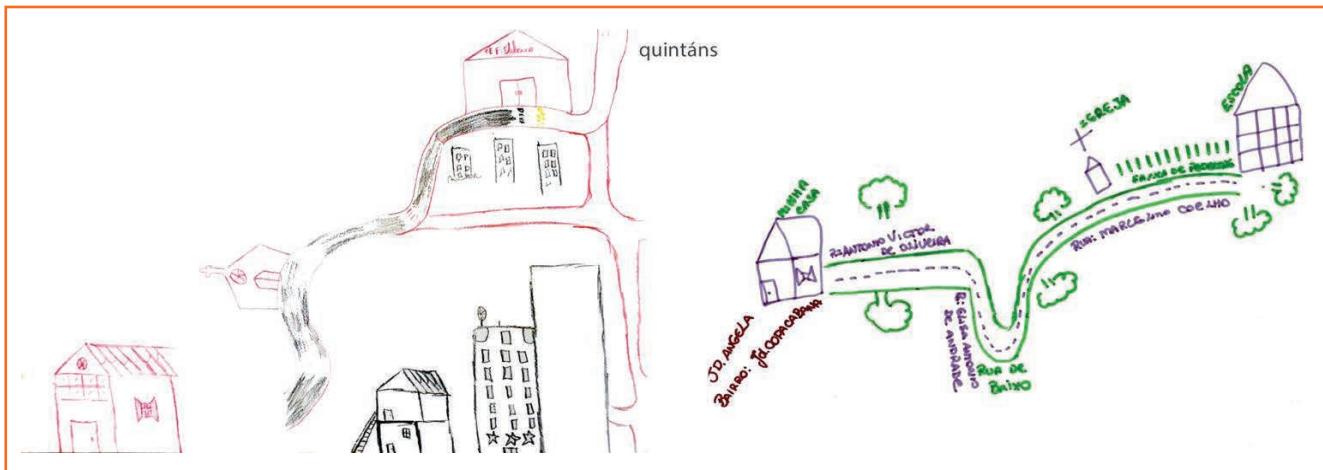
FOTO: IRENE QUINTÂNS



ACERVO REDE OCARA



Fizemos também algumas oficinas em que as crianças escreviam e desenhavam o que elas queriam para o seu espaço e, ao final, ganhavam o certificado de “cuidador do caminho escolar”. Então, por exemplo, a Maria, que estuda na escola X e tem 8 anos, se compromete a cuidar e melhorar seu caminho escolar, que é de todos e que deve ser um espaço seguro, agradável e bonito. A ideia era que a criança levasse o certificado para casa e o papai e mamãe perguntassem: “ué, o que é isso aqui?”. O caminho é de todos, do papai e da mamãe também. Foi uma forma indireta de envolver também a família.



Por que fazer oficinas sobre o caminho da escola com adultos e não só com crianças? Porque o adulto tem que entender que é possível, é necessário se locomover e vivenciar a cidade de uma outra forma. Peço aos adultos que desenhem o caminho da casa até a escola

que faziam quando crianças. A maioria fazia o trajeto a pé e as pessoas lembram de coisas muito delicadas: dos cheiros, da florzinha no caminho, da sensação de liberdade. Quando resgatam essas memórias, elas percebem por que é importante fazer o caminho a pé.

Gosto muito de fazer oficinas nas praças, para trabalhar com as crianças o que é ser habitante da cidade, o que é vivenciar a cidade, o que é fazer parte da cidade. Na oficina mostrada acima, fizemos “habitantes de papel” para povoar a praça. Então as crianças falavam: “vamos lá tirar foto dos habitantes que a gente fez”.



FOTO: RED OCARA

Outra forma de escutar as crianças de um jeito lúdico é fazer uma oficina de pintura e perguntar alguma coisa a elas enquanto estão pintando. Na imagem acima, a gente estava em uma praça no Glicério, uma região muito complicada em São Paulo. Perguntamos o que precisava acontecer para melhorar a praça. Então elas falaram coisas super óbvias: “precisa mais planta”, “mais flores”, “um ponto de água”. Muitas vezes o arquiteto não pensa assim não.



FOTO: RED OCARA



FOTO: IRENE QUINTÁNS

Jardim Ângela

Em 1996, o Jardim Ângela, na periferia de São Paulo, foi considerado pela ONU o bairro mais perigoso do mundo. Estou trabalhando o caminho da casa à escola com uma escola estadual com 1.500 alunos, e apliquei uma pesquisa com 400 crianças.

Nessa pesquisa pergunto sobre mobilidade e também sobre várias coisas do dia a dia da criança. E este foi o depoimento da menina Gabriela, de 10 anos, sobre seu caminho da casa à escola:

"O caminho é longo, inseguro, cansativo e desagradável. Fico cansada e suada pelas subidas e ladeiras. Na avenida, que é uma avenida muito grande e com muitos aciden-

tes, as calçadas são ruins, fica difícil saber quando posso atravessar, os carros vão muito rápido e é muita poluição. Tenho medo que um automóvel me atropele e de que alguém faça alguma maldade comigo.

O que mais gosto é de ficar pegando sol no campo, ouvindo o silêncio, a calma levando o vento.

Gosto da escola porque aprendo coisas novas e fico com amigos, porém, é difícil me concentrar na aula; também é difícil aprender coisas novas. E quais quero aprender? As que a professora já sabe e mais coisas sobre vulcões, universo, estrelas, meteoros, sobre ciência.

Nos sábados e domingos com família e amigos, vou no parque, na praça, na sorveteria. Nos lugares longe vou de carro, nos que ficam perto vou a pé, e outros lugares de ônibus vou de perua. Dependendo do lugar demoro entre cinco minutos ou uma hora. Sinto falta de ter teatro e música no bairro."

Gabriela é uma menina de dez 10 que já está ciente dos perigos que a ameaçam e que, no contexto de bairro complicado, é capaz de ver e falar coisas lindas.

A cidade pode ser vivenciada de diferentes formas. De uma forma lúdica também. Para isso, precisamos sentir que pertencemos, que fazemos parte da casa, da praça, do bairro e da cidade.

Mesmo bem pequenas, crianças podem participar

Cristina Porto, educadora, CIESPI, Plano Municipal pela Primeira Infância/RJ

Quando eu era criança... Minha avó Paulinha e minha mãe integravam o grupo que organizava uma das barracas que vendia comida na Feira da Providência lá na Lagoa Rodrigo de Freitas... Me vejo pequena, diante de um panelão e o extraordinário era estar do lado de dentro da barraca, vendendo até. Mudar de lado foi muito importante. Mas o que mais me aproximava da cidade eram as andanças pelo bairro de Botafogo, onde nasci e morei até os 15 anos.

Remexendo mais um pouco na memória, lembrei com ternura da tarefa que assumi aos 13 anos de levar sopa para o senhor Canuto, que morava em uma casinha de pau a pique ao lado da igreja próxima ao sítio onde passava minhas longas férias. Ele tinha 80 anos e me contava as suas aventuras de juventude. Lembro também que, aos 16 anos, estudava em uma escola progressista, o colégio São Vicente de Paula, conhecido pelas atividades



ACERVO PESSOAL CRISTINA PORTO

culturais e pela resistência à ditadura, que vigorava então no Brasil. Além dos saraus e das peças teatrais, éramos desafiados a discutir o processo de eleição dos representantes do grêmio. Aceitei a tarefa e, junto com outros colegas, formamos uma chapa para abordar os problemas enfrentados pelos alunos naquela ocasião, em que a direção havia mudado e determinado novas regras distantes da tradição da escola.

Hoje eu... Represento o Centro de Pesquisas e Estudos da Infância, que tem parceria com a PUC-Rio, e que vem participando da elaboração e do esforço de implementação do Plano Municipal pela Primeira Infância

Até as crianças bem pequeninhas podem participar quando desenvolvemos formas de escuta indireta, que consigam captar como brincam e comentam as situações que vivenciam.

do Rio de Janeiro. A elaboração desse Plano envolveu várias organizações. Formou-se um Grupo de Trabalho no Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, CMDCA, para discutir o que precisa ser garantido às crianças para que elas se vejam como sujeitos, cidadãos da cidade.

Isso significa pensar quem são as pessoas que estão com as crianças, o que as crianças precisam para se deslocar de um lugar a outro, quais são os espaços próximos das suas casas nos quais elas podem brincar e interagir com outras, de diferentes condições sociais. A elaboração do Plano envolveu todos esses aspectos e se deteve em cinco eixos prioritários: educação infantil de 0 a 5 anos, saúde,

cidade /espaço urbano, prevenção a violências e cultura/ esporte/ lazer.

Ao pensar estes eixos, que precisam estar garantidos, também envolvemos as crianças. Suas vozes foram ouvidas em oficinas organizadas por integrantes do Grupo de Trabalho. E como é que as crianças pensam e falam sobre essas questões? Até as crianças bem pequeninhas podem participar quando desenvolvemos formas de escuta indireta, que consigam captar como brincam e comentam as situações que vivenciam. Esses comentários também entraram no Plano Municipal pela Primeira Infância. Estamos tentando garantir que esta escuta seja feita de modo permanente.

Crianças: protagonistas da cidade

João Wagner Sussai, Assistente de Direção da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Santo André/SP

Quando eu era criança... Por volta de uns 6 ou 7 anos, comecei a participar de uma festa junina organizada por meus familiares em louvor a São Pedro. Era um festejo grande, que reunia todo o bairro e tinha de tudo: comida, bebida, dança. O tempo foi passando e, aos 11 anos, fui a uma festa junina em outro bairro. Após comer bolos e doces fui surpreendido ao saber que teria que pagar pelo consumido. Foi assim que percebi que o trabalho desenvolvido pela minha família era uma festa de inclusão: todos que por ali passavam – pessoas muito pobres, na maioria – comiam e bebiam de graça. Atentei para o fato de que a festa era um pretexto para que pudéssemos fazer um pouco por quem não tinha nada.

Hoje eu... Trabalho na Prefeitura da cidade de Santo André, São Paulo, e lá a gente escuta as crianças. O prefeito escuta as crianças e põe a equipe para trabalhar em função do que as crianças pedem. Eu sou do Departamento de Gestão Democrática da Secretaria de Educação, e nosso papel é facilitar essa escuta.



FOTO: GABRIEL SAVARY

Em 2002, a gente implantou o Conselho Mirim em algumas escolas, onde as crianças podiam fazer suas reivindicações. Passamos por um processo de Orçamento Participativo, em 2003/2004, em que a criança era ouvida. Depois, com a entrada de uma nova Administração, o processo foi interrompido. Agora em 2013, quando reassumimos a Prefeitura, retomamos os Conselhos Mirins. Inclusive os parques infantis de algumas escolas foram construídos pelos arquitetos, inspirando-se em desenhos que as próprias crianças dos Conselhos Mirins fizeram.

As crianças participaram no Plano Plurianual da cidade de Santo André (2014 até 2017), que dá as diretrizes para as ações das secretarias de todas as áreas da cidade. Fizemos um processo paralelo ao dos adultos, organizando o Plano Plurianual Criança com base na experiência dos Conselhos Mirins.

Em 2002, a gente implantou o Conselho Mirim em algumas escolas, onde as crianças podiam fazer suas reivindicações. Passamos por um processo de Orçamento Participativo, em 2003/2004, em que a criança era ouvida.

Em 2014, fizemos com as crianças o Orçamento Participativo Criança.

Acompanhadas por nós, foram às plenárias dos adultos, às assembleias deles, disputar demandas e dizer o que queriam para sua escola, bairro e cidade. E muitas propostas acabaram sendo aprovadas: cerca de 69 propostas vindas diretamente das crianças foram votadas e aprovadas. Eram muito convincentes, e não ficavam só na parte da educação.

As crianças criaram suas propostas depois de darem uma volta pelo entorno das escolas.

Elas perceberam que as calçadas eram esburacadas, as árvores de troncos muito largos nas calçadas restringiam o espaço, dificultando a passagem do amiguinho cadeirante, ou mesmo da mãe com o carrinho do irmão bebê; e então elas pediram acessibilidade. E pediram também mais médicos, pediram que o tratamento na área da Saúde fosse melhor, por conta do tempo da demora que eles ficavam nos postos.

Então, em Santo André, as crianças são protagonistas na cidade e fazem a diferença.

Adultos que confiam em crianças

2



FOTO: GABRIEL SAVARY

As falas dos especialistas convidados gerou um debate em que os participantes compartilharam comentários e sugestões enriquecedores.

O direito da criança a brincar livremente, sem interferência de adultos, foi defendido por Ângela: “Será que nos trabalhos que a gente desenvolve, respeitamos o brincar livre, procuramos mediar menos?”, provocou. A função do adulto como mediador foi questionada, em outra direção, por Teo, um jovem pai: “ainda são os adultos que pautam a participação das

crianças; elas deveriam criar suas próprias pautas”, defendeu.

Já Pedro Lessa, urbanista da Prefeitura do Rio de Janeiro e professor universitário, destacou um aspecto importante do papel do pai, da mãe e do adulto em geral enquanto mediadores: apresentar a cidade e o mundo às crianças. Ele sugere um projeto de oficinas para formar pais mostradores do mundo. E Juliana, estudante, moradora na comunidade de Rio das Pedras, relatou o quanto importante foi contar com educadores enquanto

Ainda são os adultos que pautam a participação das crianças; elas deveriam criar suas próprias pautas.

FOTO: GABRIEL SAVARY



mediadores da sua participação na escola e na comunidade, por exemplo, convidando-a a transformar cenas da dura realidade da favela em teatro de rua.

Para Isabel Abelson, funcionária do UNICEF, o número de pessoas que acreditam na participação das crianças na cidade precisa crescer muito, até que elas ganhem visibilidade e estejam dentro das câmaras dos vereadores, junto com os prefeitos: “Acho que a gente está começando a escutá-las. Só que ainda somos uns poucos ‘guetos’ de adultos que escutam esses meninos e meninas.” Bianca, estudante de Pedagogia da UFRJ, lembrou que a Universidade pode tornar mais difícil reconhecer o saber das crianças se ensinar que apenas o conhecimento científico tem valor.

*O Centro foi o produto da parceria entre o CECIP, a Fundação Bernard van Leer, o CEACA Vila, organização comunitária do Morro dos Macacos, contando com o apoio das mais diferentes instituições da sociedade civil e do governo.

Vários participantes deram exemplos pessoais de como buscam promover a participação infantil. André, pastor de crianças em uma Igreja Batista no Centro do Rio, criou um projeto que inclui um vídeo em que as crianças respondem livremente à pergunta: “o que você faria se fosse um dos nossos governantes?”, propondo ações em relação à pobreza, à miséria, aos mendigos, às pessoas que não têm casa.

Caroline criou, com outras mães da Barra da Tijuca, um projeto, ainda em fase embrionária, de ocupação desse espaço para que ele possa ser usado por crianças de bairros mais pobres – do Jardim Oceânico à Cidade de Deus.

Maria Lucia Lara, do CECIP, contou sobre o Centro Cultural da Criança,* concebido com a participação de toda a comunidade do Morro dos Macacos, dos idosos da comunidade às crianças, e onde estas últimas gerenciam tempos e espaços de brincar, escolhem em que sala vão ficar, quanto tempo vão ficar, fazem as propostas daquilo que querem vivenciar dentro das salas e discutem em assembleias as modificações necessárias, desde as normas de convivência até as ações e projetos lá vivenciados. “Discute-se tanto a violência, a insegurança das zonas urbanas e as periferias ainda separadas do Centro da cidade... Por que, então, não temos ainda um centro cultural da criança gerido pela criança, em cada bairro da cidade?”, questionou Maria Lucia.

De criança para criança: experiências de participação

3



Até que ponto as crianças podem brincar de atuar como cidadãos ativos em suas comunidades, em parceria com os adultos, assumindo a liderança de ações transformadoras? Para as meninas e meninos convidados a falar no **II Seminário A criança e sua participação**

na cidade, participação social é uma brinca-deira séria e prazerosa, na qual eles adoram se envolver. No evento, além de fazerem apresentações, as crianças lideraram oficinas com grupos menores, cujos relatos estão aqui registrados.



3.1 Experiências de participação na cidade lideradas por crianças, com apoio de adultos mediadores

Crianças que mobilizam

Franz Yumbato e Camila Vela, Associação de Crianças Trabalhadoras, Infant-Peru*

“Meu nome é Camila. Tenho 9 anos. Venho da Amazônia, do Peru, mais especificamente da comunidade de Oito de Dezembro, o lugar onde moro.”

“Sou Franz, tenho 13 anos e venho do Peru também. Sou da comunidade de San Andreas.”

Camila e Franz começam por localizar, no mapa do Peru, o estado de Loreto, e dentro dele, a região de Mainás, onde estão as comunidades ribeirinhas de Oito de Dezembro e San Andreas. Cada um deles representa uma organização de crianças nestes locais próximos.

As duas lideranças infantis descrevem de forma objetiva a realidade do local onde vivem.

“Em nossas comunidades não há luz, nem esgoto. Muitas casas têm tetos feitos de palha.



FOTO: GABRIEL SAVARY

O rio é poluído. Durante seis meses a água sobe e durante seis meses a água abaixa, então é o momento da vazante. Quando é época das cheias e o rio sobe, a comunidade fica totalmente diferente; o rio pode subir até três metros de altura.

Antes, no tempo das cheias, as crianças iam para a escola nadando ou em bacias de plástico que a gente usava como canoa. Agora vamos em botes e quem vai dirigindo somos nós, as próprias crianças.”

Franz e Camila contam que se importam com os problemas de suas comunidades e por isso participam de organizações de meninos e

*O Instituto de Formación de Adolescentes y Niños Trabajadores - Infant trabalha há mais de 15 anos acompanhando e facilitando os esforços de crianças e adolescentes para articular e fortalecer sua organização, participação e apropriação, como parte da promoção e defesa dos direitos humanos (veja <http://www.infant.org.pe>).

meninas: para trabalhar por uma vida melhor para todos.

“Nós, os meninos e meninas organizados, fazemos campanhas e nos organizamos contra a violência e a poluição do ambiente. E fazemos isso com arte, cor e alegria... A organização serve para que a gente possa ser uma ferramenta para a nossa comunidade, dentro e fora dela. Isso nos ajuda a ter muita confiança. Cada um tem muita confiança em si mesmo e também existe confiança entre as gerações.”

As organizações de crianças fazem assembleias, manifestações nas ruas e campanhas. Com apoio dos adultos, juntam-se a outras organizações do Peru, em campanhas que alcançam nível nacional. Como exemplo, Franz citou o Abraço pela Infância, “uma ação que já existe há muito tempo dentro das Campanhas Infância sem Castigo e Infância sem Violência. Nessa ação participam diferentes pessoas e organizações do Peru, artistas, educadores, tutores, professores, enfim, todos se juntam a nós”.

Estas mobilizações e campanhas desaguam em iniciativas, muitas delas sugeridas pelas crianças, que são logo colocadas em prática, para superar os desafios.

Exemplos de ações relatadas por Franz e Camila:



FOTO: INFANT

Contra a violência

“Bater na porta é uma ação do Abraço pela Infância, que fazemos quando existe violência dos pais contra os filhos. Se um pai ou mãe está usando de violência contra os filhos, vamos até a casa deles e batemos naquela porta para chamar a atenção para o caso. Nos inspiramos em uma iniciativa de 2007, na Índia, para combater a violência contra a mulher. E essa ação teve um efeito, foi diminuindo esse tipo de violência doméstica.”

Segurança: Campanha “Crianças, vamos Resgatar”

“Para diminuir os casos de afogamento de crianças e adolescentes, ganhamos uma capacitação da Polícia e da Escola de Natação

e aprendemos a fazer o resgate de outras crianças. Nos ensinaram não só a resgatar a vítima de afogamento, mas como tratá-la após esse salvamento.”

Ambiente: Festival da Água e Ecotecnologias

“O Festival da Água serve como denúncia para que as autoridades se deem conta de que nós, meninos e meninas, queremos diminuir a poluição de nossos rios. E eles devem trabalhar para acabar com isso. É como se fosse um desfile aquático, onde praticamos esportes aquáticos. Crianças e pais participam, com muito amor, muita arte e muita alegria.”

Saúde: Medição do Peso e Altura e “Pequenos Cozinheiros”

“Verificamos o peso e a altura de todas as crianças, para cuidar da nossa saúde.”

“Nós fazemos oficinas para aprender a cozinhar os pratos típicos do Peru.”

Comunicação Intergeracional

“Nessa imagem podemos observar as casas marcadas com vermelho, amarelo e azul e cada uma dessas cores significa alguma coisa. A cor vermelha é o local onde os adultos podem se reunir. Então, essa cor pertence aos adultos. A cor amarela é o local onde se reúnem as crianças. E a cor azul significa o local onde adultos e as crianças podem estar juntos compartilhando. Fazemos encontros com os nossos pais para que eles conheçam nossas experiências e como funciona nossa organização. São encontros intergeracionais, em que nós mesmos tomamos a iniciativa de conversar com nossos pais e eles também nos apoiam nisso.”

O depoimento das crianças peruanas se encerrou com as palavras de Franz:

“Estamos juntando pedacinhos dos nossos sonhos para armar um grande quebra-cabeça de abraços e esperanças, para viver com tolerância, diálogo e solidariedade intergeracional. Somos meninos e meninas protagonistas que creem no que parece impossível. Somos criadores de um mundo novo.”

A Oficina de Franz e Camila



FOTO: GABRIEL SAVARY

As crianças conduziram uma oficina com adultos interessados em saber mais sobre sua experiência como lideranças das comunidades de Oito de Dezembro e San Andreas.

Na plenária, resumiram o que se passou:

“Contamos um pouquinho mais para as pessoas sobre nossa experiência no Peru, e o que existe nas comunidades de San Andreas e Oito de Dezembro,

e também como o Instituto Infant nos apoia. Ficamos entusiasmados e alegres porque aprendemos com todos. Foi muito bom para nós.”

Na plenária, Camila também demonstrou uma dinâmica corporal que compartilhou com os participantes da Oficina, segundo ela, “uma das brincadeiras e jogos que fazemos para relaxar, desestressar, antes dos nossos trabalhos em grupo”.

Crianças que preservam histórias e comunicam

Yasmin Pereira, Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri, Ceará*

"Eu sou Yasmin, tenho 10 anos. Participo do projeto da Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri, em Nova Olinda, Ceará."

Yasmin descreveu com muita propriedade o funcionamento da Fundação Casa Grande: "temos programas de educação infantil, profissionalização de jovens, empreendedorismo social, geração de renda familiar e sustentabilidade institucional".

Fez questão de ressaltar que as crianças estão à frente de muitas atividades: "A gente trabalha com a participação das crianças, que aprendem a fazer programas de rádio, TV, aprendem a fazer teatro e cinema. As crianças gerenciam os espaços. Crianças de 6, 7 anos, colocam a rádio no ar, escolhem o repertório, a equipe do teatro mexe com luz, com câmera. E elas são responsáveis por tudo." Também falou sobre o Memorial, que guarda a história do povo Kariri, os primeiros habitantes da região.

A menina contou que a casa onde funcionam a Fundação e o Memorial do Homem Kariri é

*A Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri tem como missão a formação educacional de crianças e jovens protagonistas em gestão cultural por meio de seus programas: Memória, Comunicação, Artes e Turismo. Hoje, a Fundação é uma escola de referência em educação e sabe que tem de levar "o mundo ao sertão". Mas não qualquer mundo, e sim um mundo que proporcione às crianças e jovens o empoderamento por meio da cultura e da cidadania (veja em: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>).



FOTO: GABRIEL SAVARY

antiga, data do século 18. Em 1992, quando foi restaurada e começou a funcionar, eram adultos que guiavam os visitantes. Mas isso mudou, explica, quando, "um dia, o Alemberg, responsável pela Fundação da Casa Grande, chegou e viu um menino de um dos programas da Fundação recebendo pessoas e explicando os objetos do Memorial. Então, ele viu que as crianças queriam e podiam assumir esta tarefa."



FOTO: FUNDAÇÃO CASA GRANDE

Yasmin descobriu um forte interesse por arqueologia e acabou se tornando Gerente do Memorial do Homem Kariri:

“Tenho uma equipe de 30 ou mais pessoas incluindo adultos e jovens, mais velhos e mais novos, até crianças de 6 anos. Preciso saber um pouco mais sobre a história do povo Kariri, conhecer novas coisas e repassar o meu conhecimento, tanto para a equipe quanto para o pessoal que vem visitar. Estou à frente de várias aulas que eu posso dar no museu.”

A garota e sua equipe promovem o resgate da história dos primeiros humanos do Ceará, também orientando visitas a cavernas dos arredores.

“Como cuidamos do Memorial, temos aulas e oficinas de arqueologia. A gente visita um sítio arqueológico, onde há pinturas rupestres. Uma dessas pinturas é o símbolo do nosso uniforme: pode ser um tuiuiú, ou um escudo e uma lança.

Há uma caverna, que a gente mostra aos visitantes, com vários símbolos que os índios pintavam com o dedo e com a pedra de tinta: é uma pedra parecida com uma machadinha, que solta uma substância vermelha na rocha. As pinturas que a gente mostra na caverna são de diferentes tempos e têm significados diferentes: guerreiros, rituais...”

Yasmin também falou sobre outros programas da Fundação Casa Grande realizados com a participação de crianças:

Teatro

“No teatro, a gente trabalha com formação de plateia, as crianças interagem na mesa de som, de luz, fazem todo o desenvolvimento. A gente tem aulas também. Cada menino tem uma função.”



FOTO: FUNDAÇÃO CASA GRANDE



Televisão

“Temos um estúdio onde as crianças fazem produção de vídeo, filmagem, edição... É onde a gente faz nossa parte de comunicação. Na nossa DVDteca a gente tem títulos de todas as partes do mundo: documentários, infantis.

O produto que a gente faz – o Sem Canal – fala sobre o pessoal da região. E tem a Mostra de Cinema: várias pessoas vêm falar sobre filmes.”

Rádio

“Como a nossa cidade é pequena, a gente pensou que ter uma rádio era uma maneira de se comunicar com o pessoal da cidade e também de alguns sítios próximos. A rádio deu muito certo. Temos oficinas e crianças de 6 anos de idade que já começam a fazer programas de rádio.”

Gibiteca

“No Espaço Gibiteca temos várias coleções e produzimos também os nossos próprios gibis.”

A menina da Fundação Casa Grande encerrou sua apresentação destacando que o brincar é a dimensão mais importante de tudo o que as crianças fazem nos diferentes programas: “O nosso parque fica no Centro, e no campo de esportes acontecem campeonatos feitos com meninos do município. Ele está no Centro porque tudo que a gente faz na Fundação Casa Grande é brincando – a gente nunca se esquece das brincadeiras.”

Bandinha

“Nossa bandinha de lata já está na quarta geração da Casa Grande.”

A Oficina de Yasmin P.



FOTO: GABRIEL SAVARY

Yasmin conduziu uma oficina de comunicação para adultos e crianças, baseada no projeto Rádio História, em que as crianças escolheram cinco histórias da cidade, e a partir daí produziram um livro e uma radionovela. De acordo com o relato da minioficineira na plenária:

“A gente dividiu as pessoas em quatro grupos de cinco, fez um sorteio e pediu que esses grupos contassem algum caso que tivesse acontecido com eles, alguma história. Depois, fizemos um sorteio e o grupo que ganhou ficou de apresentar a radio-história deles. É o grupo da Natalia, que tem 9 anos, de Manguinhos aqui do Rio de Janeiro.”

A violência da cidade interpretada pelas crianças

CRIANÇA 1 – Estação Manguinhos (batida de funk ao fundo): a cidade do Rio é cheia de alegria, tem carnaval, praia e diversão. Mas o que muita gente não sabe é que em Manguinhos tem tranquilidade não (barulhos de bombas). Cuidado, cuidado! Vamos se esconder, vamos se esconder, todo mundo junto.

CRIANÇA 2 – Calma gente, calma, era só bombinha de São João, cabeção de nego...

CRIANÇAS 1, 2 E 3 – Ahhh, ufa!

CRIANÇA 4 – Vocês pensaram que era o quê? Bom, nesse dia foi só brinca-deira, as crianças se assustaram, mas chegaram inteiras. Mas o Rio continua seu dia a dia, folia na praia, bala na periferia (batida de funk ao fundo).

CRIANÇA 1 – Estação Eldorado, Manguinhos.

Crianças que defendem o ambiente

Ana Izabel Barbosa e Yasmin Carvalho,

Fundação Xuxa Meneghel*

FOTO: GABRIEL SAVARY



*A Fundação Xuxa Meneghel foi a idealizadora, em 2012, do projeto +Criança na Rio+20, mobilizando crianças de diversos contextos socioculturais do país, para produzir um documento inspirado na "Carta da Terra para as Crianças", da ONU. Dessa experiência surgiu a "Carta das Crianças para a Terra": uma reflexão socioambiental, na perspectiva infantil (ver: <http://maiscrianca.fundacaoxuxameneghel.org.br/>).

"Sou Ana Izabel e tenho 11 anos."

"Sou Yasmin, tenho 11 anos. Ana e eu somos do Grupo Mais Criança, da Rede Mais Criança, e viemos aqui falar do nosso projeto e de um lugar que queremos melhorar."

Ana Izabel e Yasmin fizeram questão de mostrar o contexto de onde surgiu sua iniciativa de recuperar a Área de Proteção Ambiental/ APA do lugar em que moram, Pedra de Guaratiba, bairro pobre da região, da cidade do Rio de Janeiro. Tudo começou em 2012, quando aconteceu a Cúpula da Terra, Rio+20, disseram. Naquela ocasião, 90 crianças entre 6 e 12 anos, que moram nas cinco regiões do Brasil, escreveram a Carta das Crianças para a Terra, contaram as meninas. Neste documento, com muitos desenhos, as crianças dizem o que é preciso fazer para melhorar a vida em nosso planeta. Uma destas coisas é cuidar do ambiente. Assim, quando foram visitar a APA das Brisas e encontraram praticamente um lugar abandonado, decidiram fazer alguma coisa a respeito. "Vocês devem estar se perguntando por que nós queremos melhorar a APA das Brisas. Esta APA é um Parque, e lá na Pedra de Guaratiba não tem muitos parques. Se nós melhorarmos esse, vai ter mais área de lazer para a gente se divertir."



FOTO: FUNDAÇÃO XUXA MENEGHEL

Constatando o problema

FOTO: FUNDAÇÃO XUXA MENEGHEL



“Quando chegamos à APA das Brisas encontramos muito lixo, poluição, bichos mortos nenhuma placa de sinalização... Não havia guarita, faltava banheiro, nenhuma área de lazer... O mato estava muito alto, não havia trilhas. Muitos alunos da escola iam lá, e nem sabiam que estavam em uma APA. Na APA das Brisas tem plantas que só lá tem, são plantas raras, e a gente fica preocupada com essas plantas.”

“A APA das Brisas fica em Pedra da Guaratiba, um bairro pobre. Fomos ao Parque Chico Mendes, que fica na Barra, um bairro rico, para saber como funcionava. E o que encontramos? Água potável, proteção para os animais, limpeza do mangue, área de lazer, sinalizações das trilhas, guarda parque, banheiros, coordenadora do local, recepção, visita guiada, exposição de animais. Não tem sujeira, é um lugar limpo.”

“A gente ficou muito impressionada com a diferença. O Parque Chico Mendes tem um monte de coisas que a APA das Brisas também podia ter. E por que o Parque Chico Mendes tem e a APA das Brisas não? Será que as pessoas que cuidam do Parque Chico Mendes foram na APA das Brisas? Achamos que não. Não foram porque Pedra de Guaratiba é um bairro pobre. Por isso ninguém liga pra lá. E lá também tem gente no bairro que nem sabe que aquele lugar é a APA das Brisas. Já o Parque Chico Mendes fica em um lugar que tem muita gente que tem dinheiro, pode fazer melhorias.”

Pensando ações para melhorar



FOTO: FUNDAÇÃO XUXA MENEGHEL



FOTO: FUNDAÇÃO XUXA MENEGHEL

“Brincando, a gente fez uma árvore de propostas para melhorar a APA das Brisas. Foi muito divertido a gente fazer isso. Desenhamos um pé de feijão bem grande. Na base do tronco do pé de feijão, escrevemos aquilo que nós crianças podemos fazer sozinhas, no meio do tronco, escrevemos o que podemos fazer junto com um adulto, e lá no alto do tronco, em cima, o que o governo pode fazer. Escolhemos não uma árvore normal, mas um pé de feijão, porque cresce mais rápido, e cada vez que ele cresce, as propostas das crianças também crescem junto com ele.”

Conquistando aliados



FOTO: FUNDAÇÃO XUXA MENEGHEL

“Bom, um dia a gente estava na APA das Brisas e encontramos um biólogo que se chamava Mário e que estava visitando a APA. Conversamos com ele para marcar um dia para a gente falar com o Secretário do Meio Ambiente. A Secretaria precisa tentar melhorar a APA, porque não dá para a gente

fazer tudo sozinho... por exemplo, eles têm que colocar os brinquedos de plástico na área de lazer. Também tivemos a ideia de fazer campanha nas escolas com alunos e diretores porque precisamos de mais gente para resolver esse problema da comunidade.”

Solidariedade até em outro estado

“Queremos mandar fazer uma placa contando a história da APA das Brisas, e colocar na frente da APA. Mas, ‘com que dinheiro?’. Nossa amiga Luane [*criança que atua na organização Avante-Educação e Mobilização Social, da Bahia*] não pôde vir a este Seminário porque teve um problema com o vôo. Ela e seu grupo estão tentando melhorar algumas coisas nas comunidades deles. Eles conseguiram um dinheiro, e doaram uma parte desse dinheiro para a gente construir a placa da APA.”

Finalizando sua apresentação, Ana e Yasmin compartilharam o seu maior desafio:

“Queremos fazer com que a Lei 1918, de 05 de outubro de 1992, que criou o Parque Bosque das Brisas em 1992, seja para valer.”



FOTO: GABRIEL SAVARY

A Oficina de Ana Izabel e Yasmin C.

FOTO: GABRIEL SAYARY



O objetivo da nossa oficina, contaram as meninas, "foi fazer as pessoas trabalharem em grupo e descobrirem os pontos positivos e negativos dos lugares onde convivem no dia a dia. Na metodologia que usamos, fazemos uma lista de pontos positivos e negativos em relação a uma situação. Aí pegamos os pontos negativos, escolhemos um ou mais e vemos o que podemos fazer para melhorar. As propostas a gente escreve no esquema do pé de feijão."

Durante a atividade, os participantes experimentaram apenas a primeira fase do processo.

Relatos dos grupos

Lugar	Pontos Positivos	Pontos Negativos
Casa	É muito bom ter um lar para descansar.	Quem trabalha, tem muito pouco tempo para ficar em casa.
Escola	Conhecimento e amigos. O teatro, as brincadeiras na hora do recreio; o professor de educação física que consegue envolver os alunos e chamar a atenção deles.	Dever de casa, pouco tempo de recreio e as provas; brigas, muita violência, os alunos que não respeitam seus professores...
Empresa	Às vezes você está trabalhando em um ambiente onde você fica muito feliz com seus colegas de trabalho e com a relação com seu chefe.	Muitas vezes o funcionário fala e não é ouvido.
Biblioteca	Hoje nós temos acesso a bons livros.	Ainda se lê muito pouco.
Parque	É bom porque as pessoas que não podem pagar podem levar seus filhos para o lazer.	Às vezes está todo corroído pelos adultos e crianças que destroem.
Praia	Lugar de paz e lazer.	Tem muita poluição por causa das fábricas.

Crianças que veem, fazem, criam

Alice Eleotério e Renan Silveira, Oficina Portinari*

FOTO: GABRIEL SAVARY



*A Oficina Portinari é realizada pela Rede CCAP, que atua desde 1986 em Manguinhos, no Rio de Janeiro, desenvolvendo uma educação territorializada, com promoção da leitura, formação artística, em direitos humanos e desenvolvimento local, que inclui oficinas baseadas na metodologia "arte de ver" (acesse <http://redeccap.org.br/> ou http://redeccap.org.br/?page_id=42).

Meu nome é Alice, eu tenho 11 anos.

Meu nome é Renan e tenho 12 anos.

Alice e Renan falaram sobre o projeto de educação por meio da arte em que estão envolvidos, a Oficina Portinari.

Eles dividiram com os participantes sua visão sobre o bairro carioca de Manguinhos, onde o projeto acontece:

"Lá é bom, apesar de muita gente às vezes ter preconceito. Na Avenida dos Democráticos, esses dias teve até uma coisa ruim [*tiroteio, com morte de uma criança, veja p.23*], mas a gente tem ajuda, né?, como a que recebemos da Casa Viva. Lá é muito legal. Apesar de ser

uma região que muita gente tem medo, a gente não tem medo. A gente olha pelo lado bom das coisas."

Seus depoimentos mostram que é possível criar o bom e o belo mesmo em realidades não tão boas nem tão bonitas.

"É muito bom porque vamos para as ruas aprender. Tiramos fotos do que vemos nas ruas. Usamos a nossa criatividade para olhar e descrever aquilo que a gente está vendo. As fotos, a gente depois passa para as telinhas. Fazemos os desenhos naquelas telinhas e botamos nas Exposições."



FOTO: DIEGO IGNACIO

"A Oficina Portinari é legal porque além de a gente fazer arte, a gente aprende a ser responsável: tem hora de chegar, hora de sair e todas as coisas são organizadas. Também passeamos e nos exercitamos."

OFICINA PORTINARI MANGUINHOS 2015 RJ

“A gente sai para visitar alguns lugares, por exemplo, a Fundação Fiocruz. Uma vez fomos lá para ver um livro que tinha sido lançado, era bem legal.”

“Os professores ajudam muito a gente quando queremos fazer alguma coisa. Como o Bira – Bira é apelido, né?, o nome é Ubirajara – e a Tia Elaine. Pode ser trabalho de escola ou trabalho de arte: a gente pergunta, eles dão uma ajuda.”



A Oficina de Alice e Renan



FOTO: GABRIEL SAVARY

Alice e Renan pediram às pessoas que participaram de sua oficina para desenharem e pintarem o que viam no dia a dia de suas vidas. Na plenária, duas crianças mostraram produções feitas em grupo e falaram sobre elas.

“Fizemos a paisagem urbana e a paisagem rural. Claro que elas não são assim... Por exemplo, na floresta a gente não vê isso tudo aqui. Muitas das vezes tem floresta desmatada, mas a gente quis mostrar como seria se a gente fizesse direito as coisas. Na cidade, a gente não anda pela rua e vê passarinho direto, assim, junto com todo mundo. A gente vê, mas eles não cantam assim. Aqui, é tudo pichado porque a gente não cuida... A gente mostrou como seria se a gente cuidasse.”

“Nós fizemos uma cidade assim colorida, que nós queremos fabricar. Sem medo de brincar na rua (os carros ficam passando, não dá pra brincar). E vai ter fruta o tempo todo...”

3.2 Participação infantil: trabalho ou brincadeira?

Muitas perguntas surgiram no Seminário; questionamentos que provocam reflexão e fazem avançar o conhecimento. Uma delas foi feita por Marta, arte-educadora e artista visual, às crianças – líderes que haviam relatado suas ações no sentido de transformar a realidade em que vivem. Tem a ver com o direito de brincar, eixo do processo educativo dos seres humanos mais jovens e que deveria ser exercido por todos até o fim da vida. Seriam incompatíveis o direito da criança a participar ativamente, a ter voz na comunidade, e o direito a brincar?

Franz (Infant, Peru), afirma, sem falsa modéstia: “sou um dos melhores alunos da escola” e, embora perceba que seu tempo está dividido entre o estudo e a liderança da organização de meninos e meninas, acha que suas reuniões com outras crianças, onde podem “desenvolver experiências, dar opiniões e fazer atividades”, lhe dão um retorno muito grande: “Digo isto com muito orgulho porque a minha organização é a minha vida.” Camila, da mesma organização, diz que sua atuação envolve “cultura e brincadeiras”: “Um dia a gente brinca, no outro dia faz cultura.”

A pergunta de Marta

Como é que vocês se sentem com tanta responsabilidade? Como é o tempo de vocês para cuidar de todo esse trabalho, cuidar dos estudos e do brincar de vocês? Como é que vocês administraram isso, e como é que vocês se sentem?

Yasmin (Fundação Casa Grande/CE) tem dificuldade em separar o que faz do brincar: “Lá na Fundação tudo que a gente vai fazer é brincando. Fazer programa de rádio... é brincando. No teatro tem que ser um pouquinho mais sério, então tem que parar um pouco... O tempo de todo mundo lá na Casa Grande é para brincar e aprender. Então, o meu tempo de brincar é toda hora.”

As respostas das crianças

Houve muito interesse em responder – e todos ressaltaram o prazer que sentem ao realizar projetos e atividades comunitárias.

Alice (Oficina Portinari/RJ) está convicta: “Não é problema nenhum administrar o tempo entre a escola e o projeto Casa Viva.” Seu colega Renan complementa: “Para a gente é tudo uma festa, como a nossa amiga Yasmin disse: a gente aprende brincando. A gente brinca, a gente se diverte e tem hora para cada coisa.”

Ana Izabel (Fundação Xuxa Meneghel/RJ) analisa: “Bom, de manhã nós temos o tempo de estudar na escola e de tarde vamos para a Fundação fazer os projetos. A Fundação, ela não pega o nosso tempo de estudar, ela ensina de outro jeito. E as atividades que fazemos lá são parte de um tempo livre que nós chamamos de lazer. ”Para a colega Yasmin, “é bom aprender brincando e dar opiniões sobre aquilo que preocupa a gente. Tem muita coisa que a gente resolve, e gostamos muito de falar sobre isso.”



FOTO: GABRIEL SAVARY



FOTO: GABRIEL SAVARY

Experimentando formas de escutar as crianças

4



FOTO: GABRIEL SAVARY

Como é a cidade dos sonhos das crianças? Para saber, perguntamos a elas. Convidamos profissionais com experiência na escuta de crianças para que organizassem oficinas nas quais, interagindo com pessoas de diferentes idades, as crianças tivessem suas ideias ouvidas. Apresentamos aqui uma descrição

dos diferentes procedimentos utilizados pelos oficineiros, a serem recriados e experimentados nos mais diferentes contextos. Por meio deles, as crianças puderam expressar suas propostas para tornar a cidade mais amigável: uma cidade onde possam conviver, brincar e se movimentar em segurança.*

*A Oficina sobre Participação das Crianças em Políticas Públicas (Conselho Mirim de Santo André) não teve a participação de crianças e se transformou em uma apresentação seguida de debate, só com adultos. Assim, ela não foi registrada neste capítulo, porém as propostas dela resultantes estão registradas na p. 76.

4.1 Uma cidade de paz

Facilitadora: Cristina Laclette Porto, do CIESPI/PUC-Rio*

Cofacilitadora: Rosa Araújo Geszti

Participantes: Crianças e adultos

Objetivo: Possibilitar que as crianças expressem, por meio de linguagens diversas – conversa, brincadeira, leitura de imagem, desenho, dramatização – valores e princípios que, na opinião delas, deveriam nortear a vida em uma cidade ideal.

*O Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância é um centro de estudos e de referência associado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados para crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários. Tem como meta subsidiar políticas e práticas sociais para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção e defesa dos seus direitos (ver: <http://www.ciespi.org.br/>)

- A letra da música *A cidade ideal*, dos Saltimbancos é distribuída e cantada/lida pelos participantes.
- Roda de conversa, em que as crianças respondem à pergunta: *O que não pode faltar na sua cidade Ideal?*
- Apresentação da proposta do jogo da amarelinha com imagens e da elaboração dos desenhos sobre o que existe na cidade ideal.

Realização

Primeira etapa: Amarelinha

A) DESENVOLVIMENTO

Preparação

- A facilitadora pede que os participantes se disponham em roda, com as crianças sentadas no chão, num círculo à sua volta.
- Para aquecer e criar vínculos, acontece uma brincadeira em que cada um diz seu nome e uma qualidade que começa com a mesma letra.

- As facilitadoras estendem no chão o tecido onde está desenhado o jogo de amarelinha.
- Em cada retângulo, é colocado um envelope com imagens de situações contrastantes de crianças na cidade, umas em que alguns direitos estão sendo respeitados e outras em que há violação de direitos.
- O “Céu” da amarelinha é deixado vazio. Ali são colocadas, depois, as imagens que mostram a cidade ideal.
- Crianças e adultos são convidados a entrar no jogo. Os voluntários, um a um,



- a) jogam uma pedrinha de modo que ela caia em uma “casa” da amarelinha;
- b) pulam com uma perna só até a “casa” e, ao chegar, pegam o envelope que ali está;
- c) abrem o envelope, retiram a imagens e respondem: O que você vê nessa imagem? Ela faz parte da sua cidade ideal? Por quê? (Se fizer parte, a imagem é colocada no “Céu”).

“O que não pode faltar na cidade ideal”:

- *Espaços para dança e competição de passinho (tipo de dança de rua).*
- *Espaços livres.*
- *Hotzone (local destinado a jogos eletrônicos).*
- *Parque de diversões com pipoca e bala.*
- *Campo de futebol.*
- *Piscina.*
- *Lanchonete.*



Segunda etapa: Desenho livre

- Depois desta “brincadeira de amarelinha diferente”, cada criança (e os adultos que desejarem) recebem papéis, lápis de cor, crayons e canetinhas coloridas.
- Os facilitadores convidam cada participante a desenhar o que não pode faltar para as crianças numa cidade ideal.

Terceira etapa: Entrevistas

- Os facilitadores convidam duas meninas mais velhas a assumirem o papel de repórteres e pedem que entrevistem crianças e adultos, fazendo a pergunta: "O que não pode faltar para as crianças numa cidade ideal?"
- As meninas-repórteres fazem as entrevistas, registrando as respostas em um bloco de papel. (Veja no box abaixo, a síntese dos resultados.)

O que não pode faltar na cidade ideal das crianças

Espaços e tempos para o Brincar/ Lazer

- Mais lugar para brincar
- Mais tempo para o lazer
- Mais brincadeiras na rua
- Calma e mais tempo para conversar
- Mais praças
- Mais bolhas de sabão

Educação para Valores, Arte e Cultura

- Mais educação; mais escola
- Paz (citada inúmeras vezes), convivência, igualdade, amor, felicidade, alegria, solidariedade
- Aulas de artes, música com instrumentos e dança
- Mais tempo para desenhar
- Que Jesus abençoe todas as crianças

Saúde e Ambiente

- Saneamento básico
- Hospital perto de casa
- Limpeza, tirar o lixo da rua
- Segurança
- Ambiente sem briga
- Mais bicicleta e menos carros
- Menos engarrafamentos
- Menos poluição
- Mais árvores, mais abelhas e flores

Jogos/ Esportes

- Jogo de X-box

Finalização

- Os desenhos sobre o que não pode faltar na cidade ideal das crianças foram expostos.
- Cada criança e cada adulto recebeu um adesivo (bolinha laranja) e votou em três desenhos que representavam as três coisas que consideravam mais importantes pra uma cidade ideal, e que deveriam ser reivindicadas ao Prefeito e ao Governador.
- Para encerrar, uma saia grande de chitão foi usada para as brincadeiras.

B) OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO

As crianças se entusiasmaram, ficaram totalmente envolvidas e participaram animadamente de todos os momentos propostos. Algumas completaram os desenhos, escrevendo neles outros desejos e reivindicações. Várias encaminharam estas reivindicações aos governantes. Houve ainda as que fizeram um mapa afetivo do bairro ou da cidade, ou sutilmente evidenciaram o que mais valorizavam. Os adultos colaboraram, ajudando na distribuição dos materiais. Inicialmente, ficaram mais observando e ouvindo. Depois, passaram a apoiar e incentivar o desenho das crianças: uns e outros também arriscaram-se a fazer seus próprios desenhos.



FOTO: GABRIEL SAVARY



FOTO: GABRIEL SAVARY

4.2 Uma cidade para brincar

*O Mapa da Infância Brasileira (MIB) é uma comunidade colaborativa de aprendizagem que reúne instituições, fundações, institutos, redes, órgãos públicos, ONGs e OSCIPs, coletivos, voluntários, pesquisadores e empresários que impactam na qualidade de vida das crianças, assim como de suas famílias e comunidades.

Funciona em um espaço on-line de troca de informações e compartilhamento de conhecimentos e experiências, construídos por todos os participantes, responsáveis pelos conteúdos compartilhados (ver: http://www.mapadainfanciabrasileira.com.br/cgi-win/be_alex.exe).



FOTO: GABRIEL SAVARY

Facilitadora: Roselene Crepaldi, do MIB-Mapa da infância Brasileira*

Cofacilitadora: Amanda Elias dos Santos, do CECIP

Participantes: crianças, adolescentes e adultos

Objetivos: Proporcionar às crianças um momento de reflexão sobre como deve ser uma cidade ideal; ouvir as propostas das crianças para tornar a cidade adequada ao brincar.

Materiais necessários: placas de isopor, cola, palitos de picolé, papel cartão colorido, imagens de revistas ilustradas, massinha colorida.

A) DESENVOLVIMENTO

Preparação

- Com os participantes dispostos em um grande círculo, a facilitadora apresenta a proposta: construir duas cidades – uma onde todos querem viver e outra, onde ninguém gostaria de morar.
- Os participantes são divididos em dois grupos: 1) crianças menores e adultos responsáveis por elas; 2) crianças maiores e adolescentes.



FOTO: AMANDA SANTOS

Realização

- No meio dos círculos formados pelos grupos colocam-se os materiais (placas de isopor, e outros, para criar as maquetes).
- A facilitadora e a cofacilitadora dialogam com os dois grupos. No grupo 1, a pergunta é: “Como seria a cidade onde vocês **gostariam** de viver?” No grupo 2: “Como seria a cidade onde vocês **não gostariam** de viver?”
- As crianças expõem suas ideias a respeito daquilo que deve existir na “sua” cidade (boa ou ruim para se viver).
- As facilitadoras escutam, valorizando a fala da criança e perguntando o porquê da escolha do elemento ou característica da cidade “boa” ou “má”.

- As crianças selecionam os materiais que precisam para representar a “sua” cidade e decidem como construí-la, por exemplo, fazendo árvores e pássaros com a massinha, desenhando ou recortando as ilustrações.
- As facilitadoras interagem o tempo todo com as crianças, perguntando por que estão construindo/desenhando isso ou aquilo; resolvendo pequenos conflitos (disputas pelo uso do mesmo material, aprendizagem do compartilhar), apoiando a solução dos “desafios técnicos” da montagem das maquetes.

Finalização

- Terminadas as maquetes, as facilitadoras convidam cada grupo a apresentar o seu trabalho.

Cidade boa para brincar



FOTOS: AMANDA SANTOS



Cidade ruim para brincar



- As falas das crianças sobre a cidade "boa" e a cidade "má" são questionadas pelas facilitadoras, sempre perguntando **por que**, e tentando apreender o que está "por trás" do discurso infantil.

- Com a participação das crianças, as facilitadoras registram em cartazes a lista do que elas consideram importante ter em uma boa cidade (ver o box e a imagem abaixo).

A cidade boa para brincar tem...

- Ruas livres
- Campo de futebol
- Árvores e jardins
- Gangorras
- Pistas de skate/bicicleta
- Carros que respeitem os pedestres
- Acessibilidade e lugar seguro para as crianças brincarem
- Segurança
- Bibliotecas e parques
- Escolas com lugares para brincar
- Casas com espaço para brincar

A cidade boa para brincar não tem...

- Hora de voltar para casa (*sugestão de criança da Zona Oeste do Rio, que relatou sua insatisfação por ter que ir para casa assim que começa a anoitecer, por conta do movimento dos milicianos*)



B) OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO

– Problema: interferência do adulto, não como mediador mas como quem controla e faz “em nome” da criança

No grupo no qual as crianças pequenas estavam acompanhadas de pessoas adultas, a facilitadora Rose precisou lidar com a dependência de algumas crianças em relação às responsáveis presentes, reforçada pela atitude destas últimas em “querer ajudar”.

Por exemplo, se as crianças estavam em dúvida sobre “**o que** fazer”, as acompanhantes não as provocavam para que descobrissem por si mesmas: ofereciam soluções, tipo “faz uma árvore”, “faz um parque”... Da mesma forma, diante do desafio de “**como** fazer” uma flor ou pássaro de massinha, as crianças pediam que os responsáveis fizessem por elas. Às vezes, os adultos se adiantavam, antecipando o pedido da criança.

– Encaminhamentos da facilitadora

Aproximou-se de uma das mães, que estava construindo um objeto para colocar na maquete, e perguntou de quem era aquela contribuição. A mãe reconheceu que a contribuição era dela: a criança não sabia fazer e lhe pedira para fazer no seu lugar. Então, por meio de perguntas, Rose fez a moça compreender que apenas a criança saberia fazer o que ela queria de verdade – a mãe

não conseguia adivinhar. O filho achou bem engraçado a mãe não saber fazer o que ele, criança, de fato, queria... e precisou começar a se esforçar para fazer sozinho...

Com jeitinho, Rose pediu às acompanhantes que deixassem as crianças fazerem o que quisessem, da maneira como soubessem fazer.

De maneira bem delicada, ela foi chamando aos poucos as acompanhantes e convidando-as para uma conversa, fora da roda das crianças, sobre a importância de se colocarem em outro papel: o de observar sua criança interagindo com as outras e resolvendo desafios sozinhas; ao mesmo tempo, valorizar o que a criança ia fazendo.



FOTO: AMANDA SANTOS

4.3 Uma cidade onde a praça é da gente

Facilitadoras: Mariana Koury e Raquel Ribeiro, do CECIP

Cofacilitadoras: Rosane do CECIP

Participantes: crianças de 6 anos da Escola Professora Maria Cerqueira, de Manguinhos (Projeto Criança Pequena em Foco) e adultos.

Objetivo: Ouvir as crianças a respeito daquilo que gostam e do que não gostam em diferentes espaços (praia, parque, praça).

Materiais necessários: papel, crayon, pilots, gravador.



FOTO: GABRIEL SAVARY

A) DESENVOLVIMENTO

Preparação

A oficina começa com uma brincadeira e a facilitadora pede que as crianças formem um trenzinho e puxa a música:

"O trem maluco quando sai de Pernambuco/Vai fazendo xique-xique/Até chegar no Ceará!/Rebola pai, mãe, filha/ Eu também sou da família e também quero rebolar."

Enquanto o trem passeia pelo espaço, a "maquinista" mostra os locais pelos quais passam, indicados por placas: praia, parquinho e escola.

Realização

- O grupo é dividido em dois:

Grupo 1: A partir de perguntas provocativas da facilitadora, as crianças falam sobre o que há de bom e ruim na praia e depois fazem um desenho coletivo sobre as coisas que mais gostam nesse ambiente.

Grupo 2: A partir de perguntas provocativas da facilitadora, as crianças falam sobre o que



há de bom e ruim no parquinho e depois fazem um desenho coletivo sobre as coisas que mais gostam nesse ambiente.

Finalização

As facilitadoras gravam depoimentos das crianças sobre o que gostam e o que não gostam em uma praça (veja o box).

B) OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO

O processo de escuta de crianças pequenas fluíu bem, com a utilização de ferramentas que dialogaram com seu universo, como o desenho, por meio do qual elas puderam se expressar.

O que tem na praça onde as crianças gostam de ficar

Criança 1 - Tem que ter muitas brincadeiras...

Criança 2 - E muita comida.

Criança 3 - E muitos parques de diversão.

Criança 4 - E muita, muita comida. E também um lago com os peixes e os patos.

Criança 5 - E tem que ter cuidado para não se machucar, e não pode se esquecer de correr pela rua.

Criança 6 - O amor é importante na nossa vida.

Criança 7 - Tem que ter amor, né?, o amor é muito importante na nossa vida.

O que as crianças não gostam nas praças

- balanço quebrado
- lixo
- barro por que quando chove...
- escorregas alto demais que machuca o bumbum

4.4 Uma cidade onde podemos escolher como nos movimentar

*Ocara é uma palavra tupi-guarani que significa 'praça' ou 'centro da vila', derivada de 'oca' (casa, abrigo). A Red

Ocara é uma rede latino-americana de experiências e projetos sobre cidade, arte, arquitetura e espaço público, em que as crianças participam.

O objetivo é compartilhar trabalhos em circunstâncias urbanas e sociais semelhantes, que possam inspirar e ajudar a todos (ver: <http://www.redocara.com/>).

**A IPA Brasil (Associação Brasileira pelo Direito de Brincar e à Cultura) é uma organização da sociedade civil de interesse público, filiada à International Play Association, cuja missão é promover o direito de brincar, como preconiza o Artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança, da ONU.

FOTO: GABRIEL SAVARY



FOTO: GABRIEL SAVARY



Facilitadora: Irene Quintáns, da Rede Ocara (SP)*; IPA-Brasil**

Cofacilitadora: Adriana Penatti

Participantes: três crianças, quatro adolescentes e seis adultos.

Objetivo: Possibilitar aos participantes falar sobre suas concepções de mobilidade e sobre as formas como nos deslocamos na cidade hoje, levantando possibilidades e alternativas.

Materiais necessários: papéis de flip chart ou papel kraft, pilots e crayons coloridos, tesouras, fita crepe.

A) DESENVOLVIMENTO

Preparação

Crianças e adultos, em roda, apresentam-se, falando um pouco sobre si.

Realização

Primeira etapa

- A facilitadora convida os participantes a contarem o que significa para eles poder se movimentar pela cidade – o que entendem por "mobilidade urbana".
- As definições de mobilidade são registradas em uma grande folha de papel.
- A facilitadora conduz a roda de conversa, fazendo perguntas para provocar a reflexão sobre questões como: principais problemas de mobilidade enfrentados; possibilidades de solução por iniciativa da administração

pública; possibilidades de solução ligadas a decisões e comportamentos individuais de cada um presente no grupo.

Segunda etapa

- Os participantes são divididos em duplas.
- Cada dupla recebe duas folhas de papel tipo 40 kg coladas, com a orientação de que um dos membros da dupla se deite sobre as folhas de papel e outro delineie o contorno do corpo com um pilot.
- As duplas são orientadas a conversar sobre qual meio de transporte gostariam de escolher para se movimentar pela cidade. A facilitadora deixa claro que qualquer forma de mobilidade, das mais simples às mais fantásticas, pode ser escolhida.
- As formas de deslocamento escolhidas são desenhadas pela dupla em volta do contorno do corpo.
- As facilitadoras passam pelas duplas recortando, nas folhas de papel, um buraco na altura de onde o “rosto” do corpo está.



FOTO: GABRIEL SAVARY

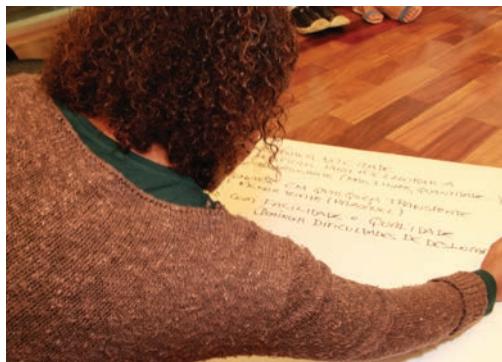


FOTO: GABRIEL SAVARY

- Os participantes discutem e decidem quais são as propostas mais realistas e exequíveis, para serem apresentadas na plenária final.

Finalização

- As duplas são convidadas a apresentar seu trabalho. Um componente da dupla “veste” as folhas de flip chart, enfiando a cabeça no buraco que sinaliza o rosto. O outro explica a proposta.

B) OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO

O grupo era bastante heterogêneo e participativo. Trouxeram diferentes visões sobre mobilidade.

4.5 Uma cidade onde podemos circular com prazer

FOTO: GABRIEL SAVARY



*O Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento/ITDP Brasil fica no Rio de Janeiro e possui atuação nacional, inspirada pelos oito princípios do Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável (DOTS, em tradução do termo original em inglês *Transit Oriented Development*), que estimula uma ocupação compacta e com uso misto do solo, com distâncias curtas para trajetos a pé e próxima a estações de transporte de alta capacidade (ver: <http://itdpbrasil.org.br/>).

Facilitadores: Clarisse Linke, Danielle Hoppe, Fabio Nazareth, Maria Helena, do Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento/ITDP Brasil,* e Mariana Koury, do CECIP.

Participantes: crianças, adolescentes e adultos.

Objetivos: 1) possibilitar aos participantes aguçar sua percepção sobre a forma como se deslocam diariamente na cidade; 2) ouvir as crianças (e também os adultos presentes) sobre o que a cidade poderia ter/oferecer para melhorar a mobilidade urbana.

Materiais necessários: folhas de papel de flip chart, crayons, lápis de cor.

A) DESENVOLVIMENTO

Preparação

Com os participantes em roda, a facilitadora Clarice estimula uma conversa sobre os seus trajetos de casa para a escola ou para o trabalho. Conseguindo que relaxem e fechem os olhos, conduz, por meio de perguntas, uma visualização que leva as pessoas a se lembrarem de detalhes dos caminhos e lugares por onde passam, incluindo a forma como se deslocam (a pé, usando bicicleta, carro, transporte coletivo...) e os sentimentos e emoções associados a cada etapa do percurso, reconstruindo, na imaginação, o mapa dos seus trajetos.

Realização

- Papel e lápis/crayons coloridos são distribuídos a cada criança e adulto.
- Os participantes são convidados a, individualmente, fazer um desenho livre representando o mapa que visualizaram na imaginação.
- Cada criança e adulto, individualmente, desenha os principais problemas no deslocamento, o que gosta e não gosta, como se desloca, medos/ansiedades etc., mostrando coisas boas e ruins no trajeto.



- Terminados os trabalhos individuais, os participantes são divididos em dois grupos, ambos com crianças e adultos misturados.
- Nos grupos:
 - a) Cada participante apresenta o desenho do mapa de seu trajeto.
 - b) Por meio de perguntas, os facilitadores possibilitam aos participantes identificarem o que é semelhante entre bairros/caminhos, bem como particularidades de territórios específicos.
 - c) Aspectos positivos e negativos das diferentes formas de deslocamento e do contexto destes deslocamentos são levantados e agrupados.
 - d) Os participantes sugerem soluções/intervenções para resolver aspectos negativos/problems comuns.
 - e) Desenham coletivamente um “mapão” imaginário com um trajeto ideal, incorporando ideias dos mapas individuais e as propostas de soluções anteriormente levantadas.

Finalização

- As crianças de cada grupo apresentam o trabalho das equipes.
- Os facilitadores anotam em folhas de flip chart as propostas surgidas.
- E promovem a votação das propostas, até chegar a uma lista de prioridades para melhorar a mobilidade na cidade (ver box).

B) OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO

Embora adultos e crianças tenham realizado as mesmas atividades (expressar-se oralmente, desenhar), os facilitadores tiveram o cuidado de proteger a fala das crianças, ouvindo suas opiniões e sugestões antes de dar voz aos acompanhantes. Ao produzir os “mapões” coletivos, os adultos colaboraram com as crianças sem se impor, o que lhes permitiu exercer autonomia tanto ao desenhar, quanto ao formular propostas.

Para a cidade ter boa mobilidade é preciso...

... boas calçadas para se andar a pé

... muitas árvores e praças para tornar as caminhadas mais agradáveis

... ciclovias para andar de bicicleta

... várias opções de transporte público

... maior oferta de transporte público

... carros e ônibus em baixa velocidade

4.6 Uma cidade onde podemos intervir

Facilitador: André Luiz Carvalho Cardoso, da UNISUAM* e Raquel Ribeiro, do CECIP

Cofacilitadores: Andrea Borges de Souza Cruz, Éric Alves Gallo, Paloma Oliveira de Farias, Roberta Gomes Tavares, da UNISUAM

Participantes: crianças e adultos.



FOTO: GABRIEL SAVARY

*O Centro Universitário Augusto Motta é uma tradicional instituição de Ensino Superior situada no Rio de Janeiro, com sede no bairro de Bonsucesso, voltada para o desenvolvimento humano das comunidades onde está localizada. A Faculdade de Arquitetura realiza o projeto de extensão "Arquitetando Intersubjetividades" em Manguinhos, Zona Norte da cidade (ver: www.unisuam.edu.br/).

Objetivos: 1) fazer com que crianças e adultos possam tomar consciência da paisagem urbana que os rodeia, em especial a que caracteriza suas rotas cotidianas ao se deslocarem pela cidade; 2) incentivar crianças e adultos a propor intervenções benéficas nesta paisagem, percebendo que podem ser agentes de mudança.

Materiais necessários: mapa grande da cidade, imagens de diferentes regiões da cidade (selecionadas de revistas e jornais), lápis preto, lápis de cor, crayons, pilotos coloridos, cola, tesouras, folhas de papel sulfite branco, folhas de papel cartão em formato grande, para colar as imagens.

A) DESENVOLVIMENTO

Preparação

- O facilitador sugere que as crianças e os adultos sentem-se no chão, em círculo.
- Como aquecimento, pede que cada um diga o que lhe vem à cabeça ao escutar o *hai-kai* “Você praça, eu acho graça, você prédio, eu acho tédio.”
- O facilitador entrega *post its* de três cores diferentes aos participantes e pede que marquem no mapa da cidade do Rio de Janeiro os bairros onde residem (cor 1), locais onde estudam/trabalham (cor 2) e frequentam para lazer (cor 3).

Realização

- O facilitador promove uma rodada de conversa sobre os trajetos cotidianos dos participantes.
- Orienta sobre como cada participante pode construir, em sua mente, o mapa de um destes trajetos, lembrando das coisas boas e dos aspectos negativos que mais chamam a atenção ao percorrê-lo.

Primeira etapa

- O facilitador distribui a cada criança e adulto uma folha de papel sulfite, lápis e pilotes coloridos. Pede que, usando estes materiais, desenhe um mapa esquemático do trajeto escolhido, representando ou indicando aspectos negativos e positivos que observa no mesmo.
- Cada participante apresenta o seu mapa.



FOTO: GABRIEL SAVARY

Segunda etapa

- O facilitador distribui a cada participante: uma folha grande de papel cartão; algumas imagens de lugares públicos de diferentes locais da cidade recortados de revistas e jornais; cola, tesoura, pilotes coloridos.
- Cada participante é orientado a:
 - Colar o mapa que desenhou do trajeto, na folha de papel cartão.

- Selecionar, dentre as imagens de locais públicos que recebeu, a que mais se assemelha a algum aspecto deste trajeto, que deseje modificar.
- Colar a imagem no papel cartão onde já está o desenho do trajeto.
- Usando como base a imagem que representa um aspecto insatisfatório da sua realidade, fazer um desenho ou colagem representando as melhorias que gostaria de fazer/ver realizadas neste local.
- Criar uma legenda descrevendo a sua proposta.
- Cada participante apresenta sua colagem com a proposta de uma intervenção que pode melhorar o espaço urbano.



Finalização

- As colagens são expostas em um mural.
- As propostas são divididas em duas categorias: intervenções tipo “mão na massa” (melhorias que as pessoas do bairro/comunidade podem fazer de forma autônoma) e tipo de mobilização junto ao Poder Público (melhorias de responsabilidade do Poder Público).
- Os participantes votam e escolhem as propostas a serem encaminhadas à plenária.

B) OBSERVAÇÕES SOBRE O PROCESSO

A dinâmica das atividades propostas foi bem-sucedida. A partilha de materiais e auxílio entre adultos e crianças participantes foi positiva e recíproca: todos participaram e interagiram de forma igualitária.

Da criança para a cidade: Propostas

5



As Oficinas Brincantes, conduzidas por especialistas em escuta e participação infantil, possibilitaram que as crianças presentes pudessem expressar suas propostas para adaptar a cidade às suas necessidades.

Ao final de cada oficina apresentada no Capítulo 4, o grupo escolhia coletivamente duas propostas para serem apresentadas na Plenária Final e submetidas à votação geral com todos os participantes do Seminário:

FOTO: GABRIEL SAVARY



- 1) Uma proposta a ser encaminhada ao Poder Público pelo CECIP.
- 2) Uma proposta tipo “mão na massa” a ser realizada pelo CECIP e outras organizações da sociedade civil interessadas.

Plenária de apresentação e votação das propostas

Preparação

As facilitadoras de cada uma das seis Oficinas Brincantes são orientadas a colocar em exposição os cartazes produzidos, destacando as duas propostas escolhidas pelo grupo da oficina para serem votadas.

Cada participante do Seminário ganha duas bolinhas adesivas para serem afixadas em uma proposta para o Poder Público e uma tipo “mão na massa”. São instruídos a não votar nas propostas elaboradas pelo seu grupo de oficina.

Execução

Falas de abertura dos trabalhos de votação:

Rafael Rezende, da ONG Meu Rio, dá um exemplo do poder de mobilização das crianças e adolescentes: o caso da Escola Municipal Friedenreich, do Rio de Janeiro, que ia ser fechada e dar lugar a um estacionamento de automóveis para o Estádio do Maracanã, mas que, a partir da mobilização da comunidade escolar, em parceria com o Meu Rio e sua plataforma de pressão junto Poder Público, conseguiram reverter a situação e manter a escola aberta. Em seguida, **Moana**, coordenadora do projeto Criança Pequena em Foco, estimula o público a percorrer e examinar os cartazes resultantes de cada oficina, as propostas e depois usar as bolinhas adesivas para votar em duas propostas.



FOTO: GABRIEL SAVARY

Oficina / Organização Responsável	Propostas 1: Poder Público 2: "Mão na massa"
Uma cidade de paz CIESPI/PUC-Rio	1 – Menos violência, paz em uma cidade limpa 2 – Encontros para brincar na rua/práça
Uma cidade para brincar MIB/Mapa da infância Brasileira	1 – Segurança e acessibilidade 2 – Toda hora é hora pra brincar!
Uma cidade onde a praça é da gente CECIP	1 – Carros e ônibus andam mais devagar - quebra-molas / mais praças 2 – Plantar mais árvores
Uma cidade onde podemos escolher como nos movimentar Rede Ocara-SP; IPA-Brasil	1 – Melhorias na segurança para mobilidade - guardas, policiamento - ciclovia, pavimentação, iluminação - limpeza, calçadas, qualidade 2 – Reivindicar junto aos órgãos e dispositivos adequados e parar de reclamar. E depois cobrar, acompanhar e pressionar
Uma cidade onde circulamos com prazer Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento/ITDP Brasil	1 – Providenciar melhores espaços para andar a pé e de bicicleta - menos buracos - calçadas mais largas - ônibus que respeitam pedestres 2 – Reivindicar mais opções de transporte público - bonde / ônibus / metrô

Uma cidade onde podemos intervir

UNISUAM

- 1 – Fechamento de uma rua por bairro, nos fins de semana, para que se tornem áreas de convivência temporária
- 2 – Grupo de cuidadores de praças, voluntários para pequenos reparos e manutenção de brinquedos públicos

Uma cidade onde a criança também decide

Prefeitura Municipal de Santo André/SP

- 1 – Propiciar a participação das crianças na elaboração e monitoramento das políticas públicas
- 2 – Construir site que receba contribuições das crianças/adolescentes com caráter altamente reivindicatório, pressionamento do Poder Público no que tange as melhorias das políticas voltadas para a infância/adolescência, e
- Capacitar as crianças para identificar e denunciar a violação dos seus direitos e dos direitos de outras crianças

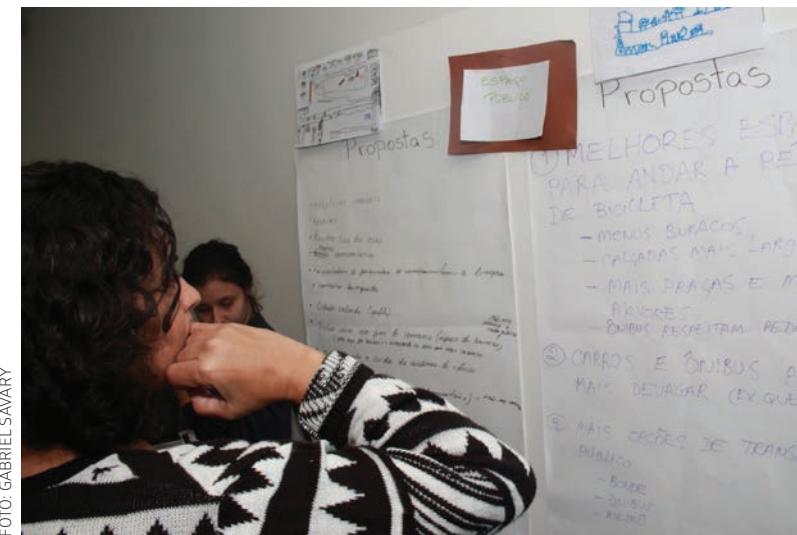


FOTO: GABRIEL SAVARY

Ao final da votação, as duas propostas vencedoras foram:

- 1- Fechar ruas para o lazer aos fins de semana (Encaminhar ao Poder Público)
- 2- Promover encontros para brincar na rua ou na praça (Realização pelas Organizações da Sociedade Civil - Mão na massa)

E o que aconteceu com as propostas do Seminário?

A proposta Poder Público

Em conversa com a CET-Rio sobre a proposta vencedora, que pedia o fechamento de ruas para lazer em todos os bairros da cidade, os representantes do setor de Educação para o Trânsito, que são parceiros do Criança Pequena em Foco, informaram que o procedimento para o fechamento de uma rua se inicia pela sociedade civil, não existe uma política pública voltada para essa ação porque o processo é aberto à participação popular. O procedimento deve se dar por meio de um abaixo-assinado de moradores da região pedindo o fechamento de determinada rua e encaminhado à CET-Rio, que a partir disso analisa a viabilidade de desvio de trajeto e retorna com deferimento ou não da solicitação. A partir dessas informações, o encaminhamento da proposta vencedora para o Poder Público foi aglutinada à ação desenvolvida para a proposta Mão na massa.

A Proposta Mão na massa

Em abril de 2016, o Criança Pequena em Foco concretizou a proposta Mão na massa escolhida pelas crianças e adultos no seminário **A Criança e sua Participação na Cidade**, ao realizar, em parceria com o Instituto Alana, o Encontro para Brincar no Parque do Aterro do Flamengo.

O evento foi aberto, os participantes do Seminário receberam um convite diferenciado para que pudessem participar do fechamento da proposta nascida no evento.

O Encontro para Brincar contou com a participação de educadores brincantes, mas a proposta era de que as crianças puxassem suas brincadeiras livremente, explorando o



Larissa Berwig
FOTOGRAFIA

FOTO: LARISSA BERWIG

espaço ao ar livre com seus familiares e colegas. O resultado foi muito positivo.

Aproveitamos o espaço para mobilizar o público para a outra proposta vencedora – a com foco no Poder Público, a de fechamento de ruas para lazer nos fins de semana.

Levamos um banner com o passo a passo dos procedimentos que levam ao fechamento de ruas para lazer e a listagem de todas as ruas fechadas para lazer no município do Rio de Janeiro, com o objetivo de informar, estimular o uso dessas ruas e informar em caso de desejo de fechamento de alguma rua específica.



FOTO: LARISSA BERWIG

Aprendizados



FOTO: GABRIEL SAVARY

Sonhar e realizar o **II Seminário A Criança e sua Participação na Cidade** foi uma experiência fascinante para a equipe do Criança Pequena em Foco.

Nada mais prazeroso do que conseguir unir vontades, talentos e inteligências em torno de uma ideia que cada vez mais transforma realidades: a de que vale a pena escutar as crianças.

Em retrospecto, há apenas uma coisa que gostaríamos de ter feito e não fizemos: incluir as crianças no planejamento do Seminário.

Assinamos embaixo do que escreveu um dos participantes: “Acho que poderiam ter mais brincadeiras. Quem sabe chamar as crianças para pensar essas brincadeiras junto. Para pensar o seminário junto com os organizadores.”

No entanto, como observaram outros participantes:

“Foi muito boa a participação e o foco nas crianças integrando a vontade e o querer dos adultos.”

"Foi importante pensar numa metodologia que inclua as crianças. Isso fez diferença no seminário."

"A metodologia em que interagem adultos e crianças é muito rica e deve ser ampliada."

No final, acreditamos que muita gente saiu do Seminário convencida de que, como disse outro participante,

"Aprender diretamente com as crianças é bem melhor."



FOTO: GABRIEL SAVARY

ANEXO

PROGRAMA DO SEMINÁRIO

Dia 11/09/2015 (sexta-feira)

10h – Um dedo de prosa: a cidade pelas crianças?

Espaço de diálogo com representantes da sociedade civil, Poder Público e de iniciativas privadas sobre suas experiências que incluem a participação das crianças.

- Irene Quintáns – IPA Brasil e Red OCARA
- Karen Acioly – Centro de Referência Cultura Infância
- Mauro Ferreira – CET-Rio
- Leonardo Yanez – Fundação Bernard van Leer
- Moana van de Beuque – Projeto Criança Pequena em Foco

Mediação: Claudio Ceccon – CECIP

Atividade voltada para adultos

12h – Almoço

13h – Bate-papo: cidades pelas crianças

Momento para conhecer experiências práticas de participação infantil em diferentes contextos sob o olhar das crianças.

- Franz Yumbato e Camila Vela – Infant (Associação de Crianças Trabalhadoras do Peru)
- Yasmin Pereira – Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri

- Luane Nascimento – Avante/ Educação e Mobilização Social
- Alice Eleotério e Renan Silveira – Oficina Portinari
- Ana Izabel Barbosa e Yasmin Carvalho – Fundação Xuxa Meneghel

Mediação: Beatriz Corsino – RNPI/CECIP

Atividade voltada para adultos e crianças

14h – Oficina Botando a mão na massa: participação infantil no cotidiano

Oficinas temáticas para crianças e adultos para experimentação de metodologias, apresentadas na atividade anterior, que valorizam a participação infantil no cotidiano.

- Mobilização das crianças – Infant/Peru
- Comunicação e infância – Fundação Casa Grande/CE
- Direitos pelas crianças – Avante/BA
- Crianças em Rede – Fundação Xuxa Meneghel/RJ
- Participação e arte – Oficina Portinari/RJ
- Participação das crianças pequenas – Projeto Criança Pequena em Foco/RJ

Atividade voltada para adultos e crianças

15h30 – Encerramento das atividades

Espaço de diálogo entre todos os participantes com o objetivo de realizar trocas sobre as atividades realizadas durante o dia (espaço voltado para adultos e crianças).

A programação será permeada por atividades musicais e números de palhaçaria do grupo Bando de Palhaços

Dia 12/09 (sábado)

13h30 – Contação de histórias – Biblioteca Parque Estadual

14h – Oficina Botando a mão na massa: que cidade queremos?

Oficinas práticas de arte e cultura, onde crianças e adultos poderão elencar propostas para que a cidade seja mais participativa e democrática.

- Mobilidade IPA Brasil e Rede OCARA/SP
- Participação da criança pequena na cidade e o Plano Nacional Primeira Infância / RNPI (Rede Nacional Primeira Infância)

- Cidade para Brincar – Mapa da Infância Brasileira (MIB)/SP
- Política Conselho Mirim de Santo André/SP
- Espaço Público: Projeto Criança Pequena em Foco, UNISUAM, ITDP e Rio+Social/RJ

Atividade voltada para adultos e crianças

15h30 – Junto e misturado: crianças e adultos criando a cidade!

Momento de sistematização das propostas das crianças e dos adultos para a cidade e planejamento dos encaminhamentos para sua implementação – Rede mobilizadora Meu Rio.

16h30 – E tudo acaba em festa!

Grupo musical Fole e Festa

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

D536

Diálogos pela cidade [recurso eletrônico] : crianças do passado conversam com adultos do futuro / projeto editorial e edição final de texto: Madza Ednir ; produção editorial: Raquel Ribeiro. – Rio de Janeiro : Centro de Criação de Imagem Popular - CECIP, 2017. 82 p. : il. color. ; 21 cm.

Trabalhos apresentados no II Seminário A Criança e sua Participação na Cidade realizado de 11 a 12 de setembro de 2015 na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro, RJ.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

ISBN 978-85-99946-32-9

1. Crianças – Política governamental - Brasil. 2. Direito municipal – Brasil - Participação do cidadão. 3. Direito das Crianças – Brasil. 4. Cidadania – Brasil. I. Ednir, Madza. II. Ribeiro, Raquel.

CDD – 362.70981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

